

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/ UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA/ F.C.T.
PRESIDENTE PRUDENTE

PROGRAMAS E PROJETOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
1997-2003

Documento elaborado por Dra. Maria
Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti
para Conferência Intemediária
Internacional – Bangkok - Tailândia,
sob os cuidados de Dra. Madhu Singh

DRA. MARIA PEREGRINA DE FATIMA ROTTA FURLANETTI
JULHO 2003

INTRODUÇÃO

Educação básica, para os jovens e adultos, significa criar condições e oportunidades para essas pessoas ingressarem ou regressarem à escola com o objetivo de construir uma sociedade justa e igualitária.

Alfabetização - direito do cidadão. Direito que está se tornando cada vez mais extensivo, pois hoje já abrange aqueles que estavam privados como os não proprietários, as mulheres, os pobres, os negros e os indígenas e que estão tendo acesso às escolas.

Apesar dos discursos serem pela inclusão, as nossas práticas têm se mostrado excludentes, pois, muitos de nós continuamos a nos comportar como se déssemos aulas ainda para aqueles eleitos e destinados a terem sucesso numa escola eletista. Vemos, então, na prática, que são poucos os professores que realmente aceitam o desafio de serem professores de todos.

A nossa preocupação em formar educadores de jovens e adultos nos levou a pesquisar o desenvolvimento do trabalho de alunos dos cursos de licenciatura da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente que fizeram parte do PROGRAMA DE COMBATE AO ANALFABETISMO: Vamos Apagar essa Imagem, que aconteceu entre 1997 a 2000. Esta pesquisa se transformou em tese de Doutorado sob o título “A Formação do Alfabetizador de Jovens e Adultos - O Educador Popular.”

Concluimos que o educador mais atuante na educação de jovens e adultos é o educador popular. Podemos dizer também, que:

- O Educador Popular se constrói a partir de sua história de vida e de seu comprometimento com a sua própria formação e com aqueles com os quais está envolvido;
- O Educador Popular é aquele que se envolve política e socialmente com a sua realidade para que, interpretando-a, possa transformá-la;
- A formação do Educador Popular passa por momentos de prática, onde os futuros educadores entram em contato com diferentes situações de sala de aula, para que possam ser analisadas junto com outros mais experientes.
- O Educador Popular é um professor que compreende o sentido da tarefa de EJA, compreende a militância e não se deixa aprisionar pela burocracia dos procedimentos escolarizantes;

- A imagem de educador que cada professor leva para a escola, para dentro de sua própria sala de aula é uma imagem que não é inventada, mas construída nos aprendizados vivenciados na própria história de vida de cada um;
- O Educador Popular se envolve politicamente resgatando suas histórias e trajetórias escolares;
- Os educadores estão imbuídos de conteúdos tradicionais do ensino. Há necessidade de abordar os conhecimentos de maneira a avançar na capacidade política, crítica, criativa e com autonomia

Partindo dessas premissas desenvolvemos vários programas e projetos de Educação de Jovens e Adultos, principalmente em Alfabetização.

Estaremos descrevendo a nossa primeira parceria, que foi com a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, Secretaria de Educação-SEDUC. Trabalhamos como assessoria pedagógica entre 1997 e 2001.

A segunda parceria foi com o PRONERA- Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária. Onde tivemos mantivemos convênio com o INCRA e o MST- Movimento dos Trabalhadores do Trabalhadores Sem-Terra. Este trabalho foi desenvolvido no período de 2000 a 2001.

Uma outra parceria foi com a COMUNIDADE SOLIDÁRIA, projeto da ex- Primeira Dama de Estado, Profa. Dra. Ruth Cardoso, com o PAS- Programa de Alfabetização Solidária. Onde desenvolvemos um trabalho desde 2000 até agora.

Estas parcerias foram desenvolvidas com Instituições de esfera Federal e Municipal. Com o governo Federal, acreditamos que estes programas nasceram do compromisso que o governo tem com a AGENDA PARA O FUTURO, entretanto ao vivenciá-los vimos os problemas e as dificuldades que trazem.

Assim, descreveremos a nossa atuação e a avaliação que fazemos destes programas. Na seqüência descreveremos outros programas que desenvolvemos junto à UNESP- Universidade estadual Paulista, onde foram utilizados recursos dessa Instituição Acadêmica.

I -PROGRAMA: COMBATE AO ANALFABETISMO: VAMOS APAGAR ESSA IMAGEM- PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

A oportunidade de educação para todos foi uma preocupação do Governo Municipal de Presidente Prudente a partir de 1997, quando instalou o PROGRAMA DE COMBATE AO ANALAFABETISMO- VAMOS APAGAR ESSA IMAGEM.

Este foi um Programa que teve parceria com a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente-UNESP-Universidade Estadual Paulista- junto ao Departamento de Educação com o objetivo de elaborar e executar o Programa coletivamente com a Secretaria de Educação Municipal- SEDUC.

A operacionalização do programa constava de quatro fases:

1ª Fase :

A- Divulgação do Programa; sensibilização e mobilização dos analfabetos, dos setores organizados e da sociedade em geral.

B- Inscrição dos candidatos em diferentes locais (escolas Municipais, Secretarias Municipais, Sindicatos , etc.).

2ª Fase :

A- Definição dos locais de funcionamento das salas ;

b- Realização das matrículas .

3ª Fase :

A - Recrutamento dos educadores: alunos do curso de Pedagogia e das Licenciatura da UNESP, com habilitação em magistério. O custo de cada monitor seria de um salário mínimo pago como bolsa estagiário pela Prefeitura.

B - Seleção dos candidatos através de exame de seleção e entrevista com a participação da equipe técnica pedagógica da Secretaria de Educação Municipal- SEDUC e a assessoria da Faculdade de Tecnologia e Ciência - UNESP.

4ª Fase :

A- Curso de capacitação dos monitores, elaborado e organizado pela equipe técnica pedagógica da Secretaria da Educação com a assessoria da UNESP, com o objetivo de prepará-los com competência técnica e visão política da questão.

B- Início do funcionamento da 1ª Turma.

O compromisso da Universidade para a assessoria foi elaboração de uma proposta, entregue ao secretário de educação municipal, com as seguintes preocupações:

Objetivos Gerais:

- Consolidar o comprometimento da Universidade com a população, buscando o ingresso – regresso - permanência e sucesso do aluno jovem e adulto na escola, atendendo a necessidade da comunidade, procurando amenizar as profundas desigualdades para aqueles que nunca puderam ou tiveram a possibilidade de freqüentar a escola;

- articular ações com os diferentes segmentos da sociedade civil num amplo movimento de alfabetização e educação.

- garantir aos jovens e adultos que participarem do Programa de Combate ao Analfabetismo, o ingresso a um sistema regular, articulando ações com o Ensino Supletivo da Rede Municipal e Estadual, assim como, com o Centro Estadual de Ensino Supletivo "José Libâneo Filho".

Objetivos da Assessoria da Faculdade de Ciências e Tecnologia- Departamento de Educação. Coordenado pela Profa. Dra. Maria P. de Fátima Rotta Furlanetti

Quanto ao Alfabetizando:

a- formar um sujeito capaz de construir sua própria história sendo participante ativo e engajado no seu tempo;

b- possibilitar a este sujeito a realização de sua individualidade incluindo aí o seu papel social e histórico;

c- proporcionar condições para que esse sujeito expresse suas idéias, sentimentos e afetos tendo por características um ser crítico, solidário, participativo, exercendo plenamente seus direitos e deveres de cidadão;

d- apropriar-se da língua escrita como forma de compreender o mundo, questionando e buscando soluções.

Quanto aos Professores/Monitores:

a- Resgatar a identidade profissional do educador como ser capaz da construção coletiva da proposta política/pedagógica;

b- Proporcionar condições para que o professor/monitor possa pensar sobre sua prática, teorizar sobre ela decidindo as atividades didáticas que serão mais adequadas;

c- Possibilitar espaços de discussão e avaliação dos avanços dos educandos e do seu próprio trabalho.

O Edital para o concurso de ingresso ao Programa pedia a documentação comprovando ser o candidato aluno dos cursos de licenciatura da FCT-UNESP; exigia-se, também, que tivessem como ensino médio, o curso de Magistério; estivesse

cursando o terceiro ano de licenciatura; análise do Curriculum Vitae; entrevista. O edital também continha a bibliografia do concurso.

Optamos por fazer uma prova dividida em duas partes: 1ª parte com duas questões optativas e na segunda parte, cinco questões dissertativas. Tivemos como objetivo para essa prova verificar quanto os alunos já haviam feito leituras sobre educação, educação popular, alfabetização e, principalmente, se estes alunos universitários dos cursos de licenciatura compreendiam o comprometimento político que esse programa desafiava.

Após a prova, analisamos o histórico escolar de cada aluno verificando se havia reprovações, faltas, notas baixas e se o aluno participava dos eventos oferecidos pela Universidade e principalmente pelo Departamento e Coordenação de curso. Para a entrevista, pensamos em verificar o quanto cada um conhecia de alfabetização. E verificamos que alguns, mesmo tendo feito magistério, conheciam muito pouco do processo de aquisição da língua escrita.

Após a primeira classificação, começamos a chamada semanal para a atribuição de aulas, todas as terças-feiras, às 17 horas, na Secretaria de Educação-SEDUC. Esse tipo de organização foi necessária, pois quase todas as semanas estavam sendo montadas salas novas. A diretora administrativa da SEDUC, profa. Maria de Lourdes entrava em contato com a sociedade civil da cidade, como Rotary Club, Lyons Club, Grupo das Mulheres Empresárias, comunidades de Bairro, Igrejas, sindicatos, para montar salas. Fazíamos as visitas nos locais para ver suas condições, pedíamos a lista dos interessados e a sala era atribuída ao aluno concursado que estivesse presente no dia e hora indicados.

Os primeiros lugares que nos deram resposta imediata foram as Sociedades Amigos de Bairro. Essas associações organizavam os alunos, no mínimo 15 e no máximo 25 alunos e a SEDUC operacionalizava a implantação da sala nos locais e horários estabelecidos pela comunidade.

Quadro 1- Número de Salas de aulas/número de alunos e local de funcionamento

nº de salas	nº de alunos	Clientela	Local de aula	horário
01	28	Watal Ishibashi	Sala de catequese	Noturno
01	19	Eneida	Sala de catequese	Noturno

02	24	Jardim Eldorado	Colégio RDS	Noturno
01	18	Parque de Obras	C.S.U. (16h00-18h00)	Tarde
01	28	Floresta do Sul	Sala de catequese	Noturno
01	30	Km 7	Casa da Sopa	Noturno
01	22	Parque Furquim	EEPG Pedro Furquim	Noturno
02	25	Parque Alvorada	Paip Alvorada	Noturno
01	16	Ameliópolis	EEPG Ameliópolis	Noturno
02	32	Jardim Centenário	Cefam	Noturno
03	22	Brasil Novo	Paip Brasil Novo	Noturno
01	20	Todos os bairros	EMEI Pimenta	Noturno
02	18	Mário Amato	Sesi Mário Amato	Noturno
02	21	Parque Alvorada	Paip Alvorada	Noturno
01	18	Todos os bairros	Igreja Metodista	Manhã
01	21	Todos bairros	Clínica Sta Catarina	Tarde
01	12	Parque São Matheus	EMEIF Rosy O R.Brandão	Noturno
01	25	Jardim Regina	EEPG Anna Antonio	Noturno
Total 25				

Foi um trabalho de muitas negociações, pois as salas poderiam ser em escolas públicas, mas nem sempre estavam disponíveis, ora por não terem salas, ora por falta de vontade política das próprias diretoras de escola. Foram negociações com Igrejas, salões paroquiais e com as creches. No primeiro ano, 1997, durante o segundo semestre, foram-se conquistando espaços e criando novas turmas. Em 1998, iniciamos já com as 21 salas montadas, com seus monitores, espalhadas pela periferia da cidade. Esse trabalho sempre esteve nas mãos da diretora administrativa da SEDUC, apesar de termos acompanhado algumas visitas.

Em alguns locais não foi possível dar continuidade ao projeto; como por exemplo, uma sala para a construção civil. A construtora procurou a SEDUC para a implementação da sala. Montou-a, ofereceu um lanche após o horário de trabalho para os trabalhadores, mas quando o número de alunos-trabalhadores foi diminuindo, tentamos negociar com a construtora e o sindicato uma hora de serviço para que nesse tempo se arrumassem, tomassem banho para as aulas. Porém, o sindicato foi taxativo e não abriu mão. Começamos com a turma para ver se envolvíamos os trabalhadores,

mas desde o início falávamos que tanto a empresa quanto o trabalhador deveriam dispor de pelo menos uma hora de seu dia. O sindicato não quis este tipo de negociação, alegando que se fizesse ali naquele lugar, outras reivindicações poderiam aparecer. A turma foi "minguando" e quando ficou com apenas quatro alunos fechamos a sala com muita tristeza, pois nossa intenção era de que servisse de modelo para as outras construtoras da cidade. Os alunos foram remanejados para outros locais próximo de suas casas.

Porém, enquanto fechávamos aquela sala, outra, num bairro de periferia, Brasil Novo, ia se ampliando dentro da escola pública do bairro. De uma sala que tínhamos nesse bairro, chegamos a três turmas em menos de dois meses. Isto foi muito bom e percebemos onde deveríamos estar investindo. Desde 1999, as quatro séries em regime de suplência foram implantadas graças à comunidade desse bairro que é muito lutadora, participa ativamente dos encontros da escola.

Realmente, o trabalho das Sociedades Amigos de Bairro rendeu muito em vários bairros. Aprendemos que as turmas devem ser montadas a partir da necessidade, vontade e desejo da comunidade.

Tínhamos como primeira meta, em curto prazo, que os alunos, em pouco tempo, pudessem trocar a carteira de identidade de analfabeto por outra com sua assinatura; esta meta foi conseguida com a ajuda da própria Delegacia de Polícia. Esta enviou os formulários que foram preenchidos em sala de aula junto com os monitores, digitados pela SEDUC, analisados pela coordenadora administrativa, e entregues num dia muito especial junto com o Prefeito, Secretário de Educação e outras autoridades.

A segunda meta que almejávamos, era poder atender a necessidade dos óculos dos alunos; novamente a coordenadora administrativa entrou em ação, uma ótica doou os óculos junto com um clube de serviço e os exames foram sendo atendidos nos Postos de Saúde.

Outra meta colocada para 1998 foi a de entregarmos certificados de escolaridade para aqueles que podiam re/ingressar nas séries subseqüentes. Além disso, queríamos entregar certificados para aqueles que conseguissem chegar ao fim da "1ª Série". Em convênio com as escolas de suplência, fizemos os exames exigidos, de 2ª. à 4ª. série, e alguns alunos foram para as séries subseqüentes; inclusive alguns para a 5ª série.

Quanto às matrículas iniciais, como já explicitado, foram feitas pela entidade que formou as salas. Quando a monitora assumia a sala, ela mesma fazia as

matrículas em horário de aula e durante todo o ano; isto é, as matrículas ficaram permanentemente abertas até que se preenchesse o número de alunos. Quando a demanda era maior, a própria monitora anotava os nomes do interessados e abríamos uma nova sala no mesmo local.

Para 1999 as matrículas foram feitas nos locais onde funcionavam as aulas. Após o término do período letivo, a monitora ficava mais uma semana frequentando o local da sala no mesmo horário de aula, atendendo a quem quisesse fazer matrículas. Durante o período letivo, as matrículas continuaram abertas.

Após a primeira entrega de atestados de escolaridade, tivemos muitos alunos querendo voltar para salas de alfabetização, mesmo tendo obtido atestado de escolaridade. Isso aconteceu por vários motivos que foram comentados pelos alunos às monitoras, como por exemplo: a escola de suplência da Prefeitura ficava longe de suas casas e o horário para retornar de ônibus ficava muito tarde; insegurança de enfrentar uma nova sala de aula com outra professora; facilidade em ter uma sala perto de sua casa e poderem ir todas as noites com seus conhecidos. Essas foram as dificuldades mais comentadas.

Tabela 2 - Número de alunos ingressantes e concluintes no decorrer de 1997 a 2000;

Faixa etária	Masc.	Fem.	Total	Certificado
Dos 14 aos 30	36	26	62	13
Dos 31aos 45	49	62	111	34
Dos 46 aos 60	37	123	160	37
Dos 61 aos 75	16	72	88	31
Dos 76 aos 90	01	05	06	02
Total	139	288	427	117

No período de 1997 a 2000 tivemos: desistentes: 111 alunos

matriculados e não frequentes: 57 alunos

Podemos notar que as mulheres entre os 31 aos 75 anos são a maioria, enquanto na faixa mais jovem dos 14 aos 30 anos são os homens.

Nesse meio tempo de trabalho, tivemos um índice alto de rotatividade de monitores. Isso é uma constante nesses tipos de programas e nos parece ter acontecido por vários motivos: primeiro, porque são estudantes e ao se formarem perdem o vínculo com a faculdade e com o programa, ou ainda, entraram no mestrado e receberam bolsa para pesquisa; outras vezes arrumavam algum trabalho que lhes dava mais proventos.

Tabela 3 - Número de monitores do programa de 1997 a 2000.

ANO	INSCRITOS	CLASSIFICADOS	CHAMADOS	ATUANTES
1997	62	46	16	16
1998	49	26	16	25
1999	67	41	12	25
2000	42	14	07	21

Sempre tínhamos um número significativo de procura para a classificação. Como já foi explicado, a rotatividade era grande, então fazíamos a classificação e chamávamos conforme a vaga ia surgindo. Os monitores saíam pelos motivos já mencionados, e muitas vezes no decorrer do ano letivo, então preferimos ter sempre uma lista de classificados para chamar. Assim, estaríamos tendo sempre alunos da graduação para substituir os que estavam deixando o Programa; com isso sempre um grande problema: **há sempre monitores iniciantes, portanto, sempre temos que recomeçar a capacitação.**

Em 1999 e 2000, tivemos um número decrescente de novas chamadas para os monitores, porque houve menos alfabetizadores deixando o programa, assim como diminuiu o número de salas. Para nós foi muito significativo, porque conseguimos manter os alfabetizadores e formarmos uma boa equipe de trabalho.

Tivemos, no início de 2000, saídas de alunos monitores que terminaram a graduação e iniciaram a pós-graduação e como receberam bolsa para a pesquisa, não puderam continuar, e o ano letivo já havia iniciado.

Assim, convocamos mais alunos universitários, com uma chamada rápida, pois tínhamos salas prontas e não poderíamos esperar até que se fizesse uma classificação como as outras; o critério era estar cursando o 3º ou o 4º ano de licenciatura na UNESP. Desta vez optamos por alunos das séries finais, porque eles ou estariam tendo as disciplinas pedagógicas, como Didática, Psicologia da Educação e Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico ou então já as teriam feito e assim

estariamos garantindo um mínimo de conhecimento pedagógico. Fizemos uma entrevista selecionamos 14 dos 42 que se apresentaram, cinco alunos começariam imediatamente.

Precisamos comentar que chegamos à conclusão de que não era a boa classificação que demonstrava ser o aluno universitário um bom alfabetizador: responsável, assíduo, dedicado. Por isso não fizemos mais provas escritas, mas uma entrevista onde pudéssemos olhar para o estudante e ele nos deixasse tranquilas da sua responsabilidade e de seu compromisso com os alfabetizados.

Iniciamos em abril uma sala interessante no Hospital Bezerra de Menezes, que trata de doentes psiquiátricos, alcoólicos e moradores (moradores são pacientes que estão há mais de 20 anos internados e abandonados pela família). O Hospital, na figura da Assistente Social, nos procurou para nos mostrar o novo projeto. A idéia era de que os moradores que estão praticamente em alta e não têm família, sejam alfabetizados para que possam, através de um treinamento que vem sendo feito no hospital, ter autonomia e independência para sobreviver fora dele. Aceitamos o desafio e iniciamos com uma sala com 22 alunos. A nossa contribuição está justamente em acreditar que essas pessoas possam estar lendo e escrevendo para poderem ter mais autonomia.

O ano de 2000 iniciou-se com um curso de capacitação para os monitores alfabetizadores, chamado “Parâmetros em ação”, executado pela coordenadora da secretaria profa. Maria do Carmo Ferreira Paula, responsável pelo programa desde o seu início e desde 1999 vem participando de encontros de treinamento para multiplicadores dos parâmetros. Esses Parâmetros são cadernos elaborados e organizados pela Ação Educativa, uma organização não governamental, que, através de pesquisas e estudos, elaborou as Propostas Curriculares para a Alfabetização de Jovens e Adultos, bem como os manuais para professores e os cadernos para os alunos, chamados “Viver e Aprender”, em quatro volumes, para as quatro primeiras séries do ensino fundamental.

Iniciamos o ano em fevereiro com 19 salas e com 21 no mês de abril e terminou-se o ano com essas 21 salas.

No ano de 2001, a nova Administração Municipal assume as salas de alfabetização de adultos. Essas salas ficaram para os professores do Ensino Fundamental e Educação Infantil completarem sua carga horária no trabalho.

Lamentamos o dinheiro público investido nos monitores/alunos que não tiveram a chance de competir com os professores da rede já concursados.

Entretanto quatro alunos que participaram do Programa como estagiários ,hoje, após prestarem o concurso para professores das séries iniciais do ensino fundamental, escolheram como carga suplementar salas de alfabetização de Jovens e Adultos.

Capacitação: formação inicial e continuada de alfabetizadores em serviço.

A primeira turma de monitores que entrou no programa recebeu uma capacitação antes de começar a trabalhar denominada “Curso de Formação de Alfabetizadores”. Para a execução desse curso, preparamos os temas e as dinâmicas planejando os cinco dias de trabalho.

Período de realização: de 11 a 15 de agosto de 1997

Total de horas: 40

O certificado do evento foi expedido pela própria Secretaria de Educação.

1- Tema: Educação e Ensino

Objetivos: - resgatar no coletivo o que pensam sobre educação e ensino através da discussão em grupo.

- ler e discutir os textos: Introdução de “Com todas as Letras” de Emília Ferreiro e “A importância do ato de ler” pg. de 11 a 25 de Paulo Freire
- após a reflexão sobre os textos, comparar com o texto coletivo elaborado no início do dia.

2- Tema: Aprender e ensinar

Objetivos:- compreender o processo da aquisição da língua escrita.

- simbolizar através de um desenho livre o que foi aprender a ler e a escrever para cada um.
- Filme: “A história da Escrita” - F.D.E.-São Paulo
- Tarefa de casa: fazer uma sondagem com pelo menos três adultos analfabetos: com palavras polissílabas, trissílabas e monossílabas e uma frase utilizando uma palavra monossílaba.

3- Tema: Alfabetização de Adultos

Objetivos: compreender a aquisição da leitura e da escrita como uma construção em processo contínuo.

- Discutir o filme do tema dois e a tarefa de casa
- Leitura do texto sobre “Alfabetização de Adultos”, de Regina Hara. Apostila mimeografada.
- Fechar com painel fazendo uma síntese com os três materiais: filme, sondagem e texto.

4- Tema: Metodologia da Alfabetização

Objetivos: compreender que as metodologias precisam ser utilizadas de acordo com cada estágio do processo do alfabetizando;

- Filme “Por trás das Letras”
- Discutir e refletir sobre o processo de construção da escrita no adulto em grupos apresentando uma síntese.

5- Tema: O texto em sala de aula

- como iniciar a alfabetização através dos textos.
- Profa. Jussara Olivetto – coord. Da Secretaria Municipal de Educação

6- Tema: Construção do grupo de alfabetizadores

- Dinâmica das balas para a discussão sobre a construção do trabalho coletivo
- Construir coletivamente o conceito de Alfabetização de Jovens e Adultos com a elaboração de um texto coletivo.

O Objetivo desse primeiro curso, era que os futuros alfabetizadores pudessem iniciar uma reflexão sobre alfabetização e que, teoricamente, compreendessem que a aquisição da língua escrita é um processo e como todo o processo deveria ser construído a partir dos saberes dos alfabetizandos. Tivemos, também, a intenção de sensibilizar os futuros alfabetizadores da necessidade de compartilhar as experiências de sala de aula nos HTPCs para que pudessemos fazer sempre a reflexão do processo de construção da língua escrita dos jovens e adultos.

Percebemos, no decorrer dos encontros semanais, nos HTPCs, que tudo o que se havia estudado e refletido durante uma semana ainda não tinha sido assimilado

pelos monitores. Como veremos, quando tratarmos dos HTPCs, foi necessário resgatar todo o curso, só que com uma diferença, agora eles estavam vivendo a prática da teoria.

Em 1998 achamos que seria necessário um trabalho com os monitores através de oficinas; chegamos a essa conclusão, porque isso foi pedido durante os encontros dos HTPCs.

Assim, foram realizadas nos dias 7, 8 e 9 de fevereiro oficinas de Alfabetização, Matemática, História, Geografia e Ciências. Foram responsáveis pela elaboração e execução: a coordenadora do projeto pela SEDUC e Assessora da UNESP. Foram 24 horas de trabalho, pesquisa e reflexão sobre atividades pertinentes para a sala de aula. Nas oficinas, os monitores confeccionaram vários materiais para uso em sala de aula. Como por exemplo, o alfabeto móvel, listas de provérbios e ditados populares; fizeram um trabalho de pesquisa na biblioteca procurando textos que acreditavam ser importantes para dar continuidade ao trabalho de 1997.

Foi necessário realizar uma capacitação de dois dias, num total de 16 horas para os monitores novos, com os textos da primeira capacitação; ao mesmo tempo, esses monitores participavam dos HTPCs junto com o grupo. A coordenadora da SEDUC ficou responsável por esses dias.

O ano de 1998 foi muito rico para os monitores, pois em julho fizemos outra capacitação entre os dias 8, 9 e 10, com o objetivo de dar continuidade aos HTPCs e de acordo com a necessidade dos monitores. O certificado do encontro foi expedido pelo Departamento de Educação da UNESP- F.C.T.

As necessidades dos monitores foram aparecendo nos comentários que eles próprios faziam nos encontros semanais. Como toda semana nos encontrávamos e revíamos as dificuldades encontradas, fomos percebendo que poucos tinham leituras sobre ensino-aprendizagem. Duas monitoras apresentaram o desejo de saber fazer um planejamento e plano de aula, outras manifestaram a vontade de entender melhor o que era aprendizagem significativa de que tanto falávamos nos encontros; então, resolvemos junto com elas fazer nova capacitação:

- “Aprendizagem Significativa”
-Prof^a Andréia Cristiane S. Wiezzel,
- “Auto – Estima”
-Prof^a Claire Martins, do SEBRAE
- “Planos, Planejamento e Projeto Político Pedagógico”
-Prof. Dra. Maria Peregrina de Fatima Rotta Furlanetti

Após essa capacitação, os monitores participaram do II Congresso de Educação Infantil e Ensino Fundamental, oferecido pela Prefeitura. No Congresso montamos um painel sobre o Programa de Combate ao Analfabetismo.

Também nesse ano apresentamos um outro painel sobre o Programa no V Congresso de Formação de Educadores de Águas de São Pedro

De 2 a 5 de Fevereiro de 1999, foi elaborada outra capacitação pela coordenadora da SEDUC da seguinte forma :

- Nos dias 2 e 3 : “Intertextualidade- Teoria e Prática”.
-Prof^a Maria de Lourdes Zizi Trevizan Peres
- No dia 3: “Relações Interpessoais”
-Prof^{as} Tamie Diamante e Paulina do PERVITA.
- Dia 4: “Planos e Planejamento”
-Profa. Dra. Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti
- No dia 5: “Oficinas de Língua Portuguesa e Matemática”
-Prof^a Maria do Carmo Ferreira Paula, coordenadora da SEDUC.

Em 2000, a capacitação teve estas características:

1. Características dos Jovens e Adultos no Brasil não escolarizados
2. Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos;
3. Instrumentos de Trabalho do Educador;
4. Elaboração do plano Didático;
5. Estudos da Sociedade e da Natureza na EJA;
6. O que e como ensinar: Alfabetização de Jovens e Adultos;
7. Refletindo sobre a linguagem na EJA;
8. Novos desafios para ensinar e aprender matemática na EJA.

Um dos objetivos da capacitação foi o de preparar o aluno de graduação para se tornar um alfabetizador de jovens e adultos consciente de que o aprender e o ensinar estão sempre em movimento contínuo e transformador e que alfabetizar é um processo de aquisição da língua escrita e que esse processo está presente em nosso cotidiano. Outro objetivo, mais para a capacitação em serviço, foi o de aprender a administrar as angústias dos primeiros dias de aula, pois todas as monitoras relataram

as dificuldades em iniciar o trabalho na sala de aula, o momento de preparar atividades, fazer avaliação e replanejar, diziam que era muito angustiante.

De acordo com alguns relatórios entregues em final de 1999, pudemos verificar que os cursos de capacitação deram certa segurança para a sala de aula. De acordo com o relato de Maria Eulália *“aprendi muito nestes três anos de convívio e participação nos cursos”*.

Para a monitora Petrillo, que cursa especialização em educação especial:

“Foi de vital importância ter participado desses cursos, pois eles colaboraram muito para aquisição de bens intelectuais, engrandecendo meus conhecimentos para que possa trabalhar melhor como alfabetizadora de jovens e adultos”

Já Vilela, formada em Educação Física e aluna especial no curso de Pedagogia, aponta que a capacitação de 1998 foi muito proveitosa e que sente muito não ter sido realizada em 1999 :

“Acredito que mesmo passando por muitas dificuldades, não recebendo o pagamento em dia, tendo acontecido tantos desentendimentos, fomos felizes em 1999. Temos que acreditar que tudo será melhor no ano 2000, que vamos ter muitas matrículas novas, que vamos formar mais alunos, que vamos adquirir mais conhecimentos, experiência e o mais importante, vamos vencer”.

A monitora Proença, cursando o último ano de Geografia, em seu relatório retrata bem o que acontece quando um monitor inicia seus trabalhos:

“A princípio, participar do Programa de Combate ao Analfabetismo foi um mergulho no desconhecido. Apesar de ter feito magistério e ter trabalhado em algumas aulas eventuais com a 3ª idade, eu não tinha noção de como seria o desenvolvimento de tal atividade ...Em nenhum momento me

senti insegura, mas as expectativas e ansiedades, que são muitas, perduram até hoje”.

Para Maria Angélica, aluna do curso de Pedagogia, as dificuldades são muitas, entretanto:

“Desde quando comecei a fazer parte do Programa de Combate ao Analfabetismo, minha visão sobre o assunto mudou muito. Isto porque eu não compreendia a tamanha importância que tem a leitura, a escrita, a matemática para todos nós e, principalmente, o desconforto que a falta destes trás.”

Além dos cursos de capacitação, contamos sempre com encontros semanais que chamamos de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo-HTPCs. E é sobre ele que estaremos escrevendo a seguir.

Horários de trabalho pedagógico coletivo - HTPC

O objetivo principal dos HTPCs foi capacitar o monitor em serviço na alfabetização de jovens e adultos. O objetivo se tornou relevante desde as entrevistas com os candidatos, pois ficou claro que não tinham experiência nesse sentido. Mas nós, desde o início, havíamos planejado momentos para os Horários de Trabalho Pedagógico- HTPCs e ao mesmo tempo estabelecemos, coordenadora pedagógica e assessora da UNESP, ter encontros toda semana antes dos HTPCs para planejarmos o encontro com monitores. Os nossos contatos foram muito importantes, pois relembávamos os anteriores e através das questões que os monitores levantavam durante os HTPCs, preparávamos o material teórico para ser discutido e servir de suporte para a prática da sala de aula. Porém não eram em todos os HTPCs que podíamos estar presentes, pois em 1998 o nosso horário não permitia; então, concordamos em fazer uma divisão de trabalhos: uma ficaria desenvolvendo mais matemática e a outra, alfabetização.

Também houve muito diálogo para chegarmos ao dia da semana em que aconteceriam os HTPCs; como os monitores são estudantes, cada um tinha o seu

horário. Fizemos um horário para as manhãs das 8:00 às 11:00 nas sextas-feiras e das 13:00 às 17:00 nas quintas-feiras. Assim não estaríamos privilegiando os que estudavam de manhã ou à tarde. Com esse consenso, iniciamos o ano de 1998. Em 1999 conseguimos conciliar horários nas segundas-feiras, mas continuamos com dois turnos: manhã e tarde.

Para registrar nossos encontros, tivemos a colaboração de uma monitora bolsista do Departamento de Educação, durante 10 meses do ano de 1998; para os anos seguintes foi aprovado nosso projeto na Pró Reitoria de Extensão, o que contribui com uma bolsa, assim pudemos continuar o trabalho por mais dois anos. Hoje, temos registrados todos os nossos encontros e todas as dificuldades, propostas e discussões.

Tínhamos como objetivos da monitoria do Departamento de Educação e que continuaram na monitoria do PROEX:

A - participar da elaboração e construção da pesquisa da aquisição da língua escrita do jovem e adulto de Pres. Prudente;

B - registrar as discussões e avaliações do percurso dos alfabetizados e dos professores monitores;

C - compreender o processo de montagem das turmas de alfabetizados, bem como colaborar na elaboração do diagnóstico de cada turma;

D - colaborar na elaboração e pesquisa das atividades intra e extraclasse, de acordo com os avanços de cada turma;

E - contribuir para a elaboração de um artigo sobre o trabalho desenvolvido no **Programa de Combate ao Analfabetismo.**

Ações e metas

A - assistir aos encontros do Horário de Trabalho Pedagógico semanais;

B - visitar as salas de alfabetização;

C - participar da capacitação;

D - elaborar relatórios das atividades vivenciadas;

Temos, hoje, os registros de todos os encontros que muito nos auxiliam na reconstrução desta história; temos a listagem de todos os textos trabalhados e a ordem cronológica dos acontecimentos.

Reuníamo-nos, as três, coordenadora, monitora e assessora, todas as semanas para planejar e replanejar nossas ações. A monitora, através de seus registros, nos alertava quanto às dúvidas, dificuldades e problemas que apareciam nos HTPCs. Tivemos que retomar alguns textos que foram trabalhados na capacitação, com mais

cuidado e mais tempo. Aprendemos muito nestes encontros, tanto os monitores quanto nós, os coordenadores.

Fomos construindo uma sistemática para os encontros: a primeira hora era de estudos, a segunda, de questionamentos e dúvidas da prática vivenciada na semana e na terceira hora se fazia confecção de material para a semana seguinte.

Sentíamos que era pouco tempo para tanto trabalho; os monitores iniciantes no processo de ser professor alfabetizador de adultos tinham muitas dúvidas. Muitos não acreditavam no processo de aquisição da língua escrita que apresentávamos baseado na fases da escrita de Emília Ferreiro; e, no seu dia a dia, faziam exatamente como eles próprios tinham sido ensinados: trabalhavam por silabação e palavras que não faziam muito sentido para os alfabetizados.

O planejamento dos HTPCs foi praticamente igual durante os três anos. Iniciávamos com a unidade sobre o nome próprio, passávamos para bilhetes, cartas, cartazes, texto publicitário, listas de compras, textos classificados, parlendas, ditados populares, receitas de culinárias; tudo de acordo com cada sala e perfil de alunos. Fizemos muitas oficinas sobre como aplicar todo esse material.

O material que os monitores gostavam muito de trabalhar eram os rótulos que os alfabetizados traziam para a sala de aula, pois com esse material, acabavam trabalhando números, problemas, lugares e toda a informação que se pode obter na leitura de um rótulo.

Trabalhamos, também, textos com história do folclore que chamavam a atenção das turmas de alfabetização. Para a leitura dos textos, providenciamos uma apostila para dar exemplo de como começar a leitura, as inferências necessárias, as perguntas pertinentes, etc.

Interessante o quanto é difícil convencer as pessoas sobre mudança de paradigma em relação ao texto. Os monitores não acreditavam que poderíamos começar com textos com pessoas que não sabiam ler. Por isso fazíamos pequenas oficinas nos HTPCs, para que percebessem a importância de se ter um texto por inteiro.

Uma das monitoras, com quase um ano de trabalho, deu um depoimento muito satisfatório, pois ela disse que, por teimosia, seguiu direitinho todas as orientações para ver se realmente dava certo e qual não foi sua surpresa: começar pelo texto dava certo! Seus alunos começaram a ler e entender melhor todos os outros tipos de texto. Também foi difícil de convencer os monitores a usarem o texto de listas, não

acreditavam nele; mas, depois de algum tempo, foram percebendo e confiando mais em nossas orientações.

Introduzíamos a Matemática do cotidiano dos alfabetizados. O primeiro problema matemático levantado foi o do café da manhã: o que se comia antes de sair para trabalhar? E assim listavam os mantimentos, faziam pesquisa de preços e se chegava a uma média, e faziam as contas para ver quanto se gastava por semana, por mês e por dia. A partir desse problema, outros mais foram sendo construídos na sala de aula de acordo com a vivência de cada grupo. Mas na Matemática houve problemas.

Foram comprados, com dinheiro do MEC, material dourado e os blocos lógicos, um joguinho de cada um, para cada aluno. Foi muito difícil introduzir esse material nas aulas, pois, os adultos não queriam “brincar”, queriam ter aulas. Ao mesmo tempo, os monitores também não acreditavam muito nesse tipo de material. Fazer um diagnóstico do conhecimento matemático foi muito difícil; além do mais, os monitores tiveram muita dificuldade em lidar com a Matemática.

Quando passávamos problemas prontos, as monitoras se organizavam melhor do que quando deixávamos para que tirassem das suas próprias salas os problemas que deveriam ser elaborados e resolvidos. As “continhas” é que apareciam mais, com o velho receituário: começar com número simples para se passar depois para grandes quantidades. Começar com a soma para se chegar à divisão.

Quando chegaram às nossas mãos as propostas de EJA “Propostas Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos”, achávamos que tínhamos encontrado a tábua de salvação. Mas, isso não é bem assim: para quem já tem certa experiência e está em busca de alguma coisa, uma proposta ajuda muito; mas, para os monitores, estudantes de graduação, que nunca ouviram falar em alfabetização, a não ser a sua própria, ficava difícil transformar objetivos e conteúdos em atividades para serem ensinadas em sala de aula. Afirmo isso porque, ao apresentarmos alguns objetivos e conteúdos de Matemática para que lessem, discutissem e depois em duplas criassem atividades para a sala de aula, dos 25 monitores só quatro conseguiram finalizar a proposta. Para auxiliar essas atividades pusemos à disposição dos monitores cadernos com exercícios, os famosos cadernos de atividade de Matemática da CENP - AMs. Pode-se constatar, por esses exemplos, quanta dificuldade existe para um professor ser polivalente e quantas dificuldades nossos monitores tiveram em Matemática.

As aulas de Ciências foram orientadas para serem trabalhadas de acordo com os interesses das turmas. Porém, como estávamos dentro da Secretaria da Educação, muitos cartazes e folders de campanhas de saúde apareciam em nossas mãos; então, aproveitávamos para orientar como se deve fazer uma leitura e entender os cartazes. Muitas vezes os monitores, sob nossa orientação, chamaram pessoas responsáveis para dar palestras sobre os assuntos referentes; por exemplo, dengue, febre amarela, gripe, doenças venéreas.

Outras vezes, aproveitávamos o que acontecia na cidade, como o festival do teatro. Entretanto nem todos os monitores com seus alfabetizandos vinham até a “cidade” para esse tipo de evento; ora por que era longe, ora porque tinham que pegar dois ônibus ou os maridos não deixavam, etc. Mas aqueles que vinham, gostavam muito; houve uma senhora que perguntou à sua monitora: “Por que você não trouxe a gente aqui antes, é maravilhoso”; ela ficou encantada com o teatro.

História e Geografia foram trabalhadas desde o início, pois, quando se começa a trabalhar o nome de cada um dos alfabetizandos é resgatada a própria história pessoal – o lugar onde nasceram, onde estavam nesse momento, localizando através de mapas do Brasil os lugares de origem e de atual permanência. As aulas de Geografia e de História começavam assim. Aproveitávamos os acontecimentos da cidade, através de jornais, revistas, rádios, TVs, novelas. Em fatos históricos, como a semana de aniversário da cidade, os monitores eram orientados para trabalharem a história da cidade, do bairro, e aproveitava-se para discutir as necessidades e reivindicações dos alunos. Isto poderia ser trabalhoso, pois cada sala estava num bairro, cada sala tinha uma necessidade, cada monitor tinha uma experiência mais acentuada neste ou naquele tema; é claro que muito dos temas foram trabalhados em conjunto, mas muitos se tornaram específicos das turmas.

Podemos buscar um exemplo: em abril de 1998 sugerimos que trabalhassem música em suas classes, e aquela de que a turma gostasse. Levamos a música sertaneja “Chico Mineiro”, conhecida por todos na região. Cada monitor apresentou de uma forma. A Eulália, que trabalhava no Centro Social Urbano com uma turma de 12 pessoas, levou violão, alguns alunos complementaram com outros instrumentos, dividiram-se as vozes, houve um bom entrosamento. Depois a monitora trabalhou a língua culta e coloquial, e palavra a palavra foi desnudando o texto até que se chegasse aos mapas, onde foram localizados os Estados de Minas Gerais e o sertão

de Goiás. A Matemática esteve presente, quando se via a distância entre um estado e outro.

Procuramos, com cada tema sugerido, mostrar através de exemplos e oficinas as possibilidades da interdisciplinaridade. Com essas atividades, foi descoberta uma aluna de 64 anos que era repentista e assim também foram aproveitados os seus versos. E outras músicas foram trabalhadas. Quando os alunos estavam fazendo listas de frutas conhecidas, sugerimos que se trabalhasse a música “Morena Tropicana”, que também fez o maior sucesso, pois alguns grupos trabalharam a “morenice brasileira” que se mistura ao cheiro e ao sabor das frutas tropicais. Muitas receitas de gulodices foram apresentadas pelas alunas, principalmente em época de festas juninas, das mães, páscoa, natal.

Aproveitando um almoço de dia das mães de uma aluna alfabetizanda, orientamos os monitores sobre como é possível fazer um problema com uma turma utilizando as próprias atividades dos alunos fora da aula. Orientamos todo o planejamento de uma atividade criada dentro da sala de aula e de uma necessidade do grupo. Decidiu-se trabalhar desde as listas de compras, convidados, convites, receitas, sobremesa até a arrumação da mesa e, principalmente, os custos e quantas horas trabalhadas. Daí surgiram problemas interessantíssimos; questões interessantes começaram a serem abordadas como salgadinhos: compensava fazer salgadinhos, pães, e outras coisas para vender “pra fora”? Os monitores eram orientados para não esquecerem dos detalhes de um planejamento orçamentário. Até padaria uma sala quis montar e chegaram a discutir sobre o lucro do dono e o pagamento dos funcionários, o que era justo na divisão do trabalho, etc.

No início de cada turma de monitores, notou-se a ansiedade com que eles vão para a sala de aula, quando começam a alfabetizar. Após uns sessenta dias de aula, eles ficam arrasados, achando que não darão conta, que não vão conseguir nada da turma. Esta é uma emoção que tem de ser administrada, pois nasce neles um sentimento de incapacidade, e isto tem que ser muito bem discutido. Momentos importantes para isso aconteceram, quando cada um contava para o grupo suas dificuldades, seus problemas e seus avanços. Notamos que essas colocações deram um bom toque de que é preciso estar calmo, que as coisas não acontecem tão de repente, mas que tudo é um processo, e, como é processo, cada um tem o seu tempo para aprender, inclusive nós mesmos.

Tivemos muitos temas discutidos nos HTPCs, colocaremos alguns mais significativos:

1- Filme: Por Trás das Letras: Telma Wiez: Junto com o filme foram distribuídas cópias do texto que acompanha o vídeo. Houve o acompanhamento passo a passo. Como o filme trata de crianças, fomos discutindo as particularidades com o adulto, o que era e o que não era possível. O filme é apresentado em quatro partes: Erumáveis; Falando Devagarzinho; Deu no Jornal e De casa para a escola. Na discussão, resgatamos a importância de se trabalhar um texto já conhecido, o trabalho em dupla- compartilhando conhecimentos- e um texto como ponto de partida para se produzir outro texto. Foi discutida a importância de trabalhar textos conhecidos dos alfabetizandos, como por exemplo, os ditados populares, trava-língua, provérbios, orações, parlendas, brincadeiras cantadas etc., enfim o que fizesse parte do cotidiano dos alunos. Após o filme, os monitores trouxeram o que fizeram em sala de aula: -numa sala foi trabalhado um texto em que uma mulher migra do nordeste para o interior de Minas. Com esse texto, a monitora trabalhou os estados que existem na região nordeste, e pelo relato, os alunos leram a lista dos estados, pois os conheciam muito bem, assim como a lista das comidas típicas do nordeste, pois listaram pratos que gostavam de saborear.

2- O Trabalho para desenvolver a escrita de uma carta: informamos que, quando se trabalha a carta, podem-se também elaborar bilhetes, convites, cartão-postal, telegrama, ofício, abaixo-assinado, requerimento e outros documentos que se fizerem necessários na sala de aula. Indicamos aos monitores a necessidade dos pronomes de tratamento, material a ser utilizado, quem são as autoridades em nível municipal, estadual e federal; a importância de se saber de que lugar se escreve, quem escreve e para quem; o assunto da carta. Lembramos de músicas que são cartas, de Chico Buarque, de Erasmo Carlos, de Adoniran Barbosa; comentamos o filme “Central do Brasil” que estava para entrar em cartaz na cidade; outro filme sugerido foi “O carteiro e o poeta”, os monitores falaram que o filme era legendado e dificultava os alfabetizandos, então foi indicado para que eles mesmos assistissem. Após toda a discussão, iniciamos as trocas de experiências. É claro que as coisas não acontecem tão organizadamente, uma após a outra. Conforme fomos discutindo, muitas vezes, os monitores já começavam a contar o que estavam realizando. E acontecia de um tema não durar apenas um HTPC, mas muitas discussões durante muitos dias, e nós aceitávamos, pois sempre acreditamos que as dúvidas deveriam ser discutidas no

momento em que apareciam. Foi relatado pela monitora de Eneida, Distrito de Pres. Prudente à 18km, um exemplo muito interessante de uma sala com atividade da carta. Quando uma aluna faleceu, os colegas resolveram pedir um ônibus para que todos pudessem ir ao enterro. Foram à Prefeitura e lá mesmo um funcionário redigiu o ofício solicitando um ônibus. O Ofício voltou, não foi aceito porque faltava data e horário. O monitor aproveitou e mostrou a importância de se fazer um ofício ou uma solicitação com todos os dados. O Ofício foi feito novamente pelo grupo e aceito. Muitos cartões - postais foram elaborados em sala de aula, para que entendessem o que era remetente e como escrever uma mensagem rápida, mas que não fosse um bilhete.

3- A utilização do Alfabeto Móvel: há necessidade de se trabalhar com o alfabeto móvel para os iniciantes e os iniciados, pois ele possibilita ao alfabetizando refletir sobre quais e quantas letras são necessárias para se escrever uma palavra ou uma frase além de permitir o estudo sobre a diferença entre palavras e letras. Esse material é muito interessante e os monitores confeccionavam para todos os alunos individualmente um jogo com três alfabetos e cinco conjuntos de vogais, apesar de o material ser preferencialmente trabalhado em duplas. A utilização do alfabeto móvel foi feita quando os textos trabalhados eram parlendas, provérbios e ditados populares.

4- A utilização de textos do jornal: o jornal como texto na sala de aula foi um dos métodos mais polêmicos e ao mesmo tempo o mais utilizado. Acreditamos que contribui para os alunos (ambos: alfabetizadores e alfabetizados) refletirem sobre as notícias, reportagens e, principalmente, a manipulação das informações e da mídia como um todo. Contribui, também, para o desenvolvimento da língua escrita já que no jornal temos vários tipos de textos: reportagens, publicitários, jornalísticos, crônica, editorial, cartas do leitor, classificados, etc. O que foi muito importante foi comparar o jornal com um livro ou uma revista ou com um conto, ou com uma receita e assim por diante. Tentamos preparar o monitor para trabalhar com a diversidade de textos e de portadores de textos. Vimos também a possibilidade de prestar atenção aos textos dos noticiários do rádio da televisão. Queríamos que os alfabetizados percebessem a diferença entre a linguagem coloquial e a linguagem escrita. Nesse encontro, alguns monitores colocaram que as HTPCs estavam ajudando muito a ampliar a visão sobre leitura e formação de professor. Eles sentiram que nas aulas de alfabetização, estavam surgindo assuntos em que os monitores sentiam a necessidade de conhecer mais, para ensinar melhor. De todos os textos existentes no Jornal, o que mais foi utilizado foram os classificados, inclusive os folhetos de ofertas de super mercado que foram algumas

vezes utilizados comparativamente com os publicitários. Nessa atividade tanto os monitores quanto os alfabetizandos se empenhavam muito e sentimos que gostavam de a realizar. Com essas atividades, a matemática foi sendo introduzida concomitantemente na elaboração e resolução de problemas.

5-Atividades de elaboração de problemas: como já dissemos, através de folhetos de super mercado e classificados do jornal, fazia-se uma lista de compras. Com ela, elaborava-se uma tabela classificando: material de limpeza, alimentos em lataria, alimentos em sacaria. Com a tabela foi elaborado um orçamento familiar que poderia ser semanal ou mensal ou até mesmo diário e aí cabia muita coisa e dependia das questões que a sala levantava, por exemplo: medidas (litros, kg, dúzia, dezena, arroba etc.), preços, uso do dinheiro, troco etc. Um problema que todos fizeram e deu muito resultado foi o do café da manhã: o que temos para o café da manhã? Leite, pão, margarina, café. Quanto se gasta por dia? Quanto se gasta por mês? E assim os monitores foram criando problemas espetaculares.

6-Utilização do material dourado: Neste encontro foram trabalhadas as somas. A soma com a idéia de juntar e adicionar relacionando com o símbolo “+”, e não esquecendo das duas representações: a numérica e o material dourado. Para entrar na dezena, deveriam utilizar a brincadeira de “Nunca Dez” e assim continuariam para a centena: “Nunca Dez”. Indicamos os livros da CENP-Coordenadoria de Norma Pedagógica-da rede pública estadual-os famosos AMs-Atividades de Matemática, pois ele contém muitos jogos e problemas como exemplos para iniciar alfabetizandos no mundo do sistema de numeração decimal. Os monitores não acreditavam em si mesmos para iniciar o ensino da Matemática. Tivemos depoimentos de que os alfabetizandos ainda não sabiam escrever por isso não iniciavam a Matemática. Entretanto outra monitora declara que ficou surpresa com a facilidade com que seus alunos tinham em fazer “conta de cabeça”, apesar de mostrarem dificuldades em copiar os exercícios da lousa. Outra mencionou a dificuldade em trabalhar as representações numéricas, a família dos números, mas quando relacionou com o sistema monetário, eles compreenderam um melhor. Com essas declarações, um monitor incentivava o outro a iniciar algo que ainda estava inseguro. O material Dourado foi sendo introduzindo aos poucos por cada monitor. Acredito que até hoje alguns monitores ainda não utilizaram esse método por não acreditarem ou não saberem lidar com ele. Entretanto acreditamos que cada um deve ter sua autonomia na sala de aula; se o monitor não utiliza, deve ter seus motivos; o principal é que não fiquem conteúdos sem serem desenvolvidos.

Sabemos de experiências onde não utilizaram o material dourado, mas utilizaram todo o sistema monetário, inclusive confeccionando notas para trabalhar soma, subtração, multiplicação e divisão e tiveram muito sucesso.

7-Atividades com os Blocos Lógicos: Esse material adquirido pela Secretaria Municipal a pedido da Coordenadora não teve bom êxito. Primeiro, porque os alfabetizandos achavam que era um brinquedo e eles não estavam ali para brincar; segundo, porque os próprios monitores não acreditavam muito, apesar de termos feito muitas oficinas e jogos com esse material. A intenção do material era para o alfabetizando classificar, ordenar, fazer seqüências e refletir sobre elas. Mas muitas discussões fizemos e podemos dizer que há outras formas de adquirir habilidades matemáticas sem ter a necessidade dos blocos lógicos.

8-Atividade de Ciências: Interessante notar que os monitores não trabalharam Ciências como mandam os manuais, porém trabalharam temas como higiene, saúde, doenças sexualmente transmissíveis que eram justamente os temas sobre os quais os alfabetizandos procuravam explicações. Muitos deles foram discutidos com profissionais da área de saúde. Porém alguns foram aparecendo através de textos. Muitos textos trabalhados suscitaram questões pertinentes ao solo, à chuva, ao ciclo da água. Outros momentos foram das análises das embalagens, verificando a data de vencimento, produtos industrializados, produtos dietéticos. Acreditamos que se o alfabetizando souber fazer uma leitura do produto que ele consome, já estamos possibilitando uma melhoria na qualidade de vida. A importância de uma alimentação rica em frutas e legumes apareceu quando foi levada para as aulas a música “Morena Tropicana”; discutiram o que era “fruta de vez temporana” e assim saiu o assunto sobre como deveríamos aproveitar as frutas da época, porque eram mais saudáveis, etc.

9- Atividades de História e Geografia: No mesmo esquema que ciências, a história e a geografia também foram trabalhadas de acordo com os textos, poesias, músicas ou uma necessidade diante das questões levantadas pelos alfabetizandos. Vamos utilizar o mesmo exemplo de Ciências: os rótulos. Procuramos produzir interdisciplinaridade para que pudessem entender a importância de se criarem atividades diferenciadas com conteúdos interdisciplinares com o mesmo tema que estava sendo trabalhado na alfabetização. Curioso é constatar que os monitores achavam que para ensinar História, Geografia e Ciências seria necessário saber ler e escrever. Foi difícil fazê-los entender a possibilidade de alfabetizar com um texto informativo científico de História, Geografia e Ciências. Mas assim mesmo construíram

muitas aulas boas. Quando trabalharam o nome de cada aluno, fizeram toda a história de vida e toda a Geografia, o caminho percorrido de cada aluno com o mapa. Quando se trabalhou a história da cidade em que moravam, trabalhou-se, também, seu bairro, suas características e as reivindicações, a localização da cidade e da região no mapa, as capitais, os maiores centros urbanos, etc.

Uma discussão interessante que surgiu em nossos HTPCs e que depois levamos para um encontro noturno com todos os monitores foi sobre o perfil dos alunos alfabetizando e o perfil dos monitores. E assim surgiram quatro questões:

1- Como eu vejo meu aluno?

Dos 13 questionários respondidos tivemos 62 respostas as quais apresentaremos as de maior incidência:

- determinado – 9 respostas - 14,51% do total de respostas;
- descobridor de conhecimentos – 9 respostas- 14,51%;
- solidário – 06 respostas – 9,67%;
- inseguros – 4 respostas – 6,45% ;
- baixa auto – estima – 4 respostas - 6,45%;
- objetivo em ler e escrever – 4 respostas – 6,45%;
- trabalham o dia todo – 4 respostas - 6,45%;
- reclamações – 3 respostas - 4,83%;
- responsáveis – 03 respostas – 4,83%;

Para nós as respostas foram importantes, pois mostraram a ausência de um perfil definido do aluno alfabetizando pelo monitor, depois de um ano de trabalho.

Já a segunda pergunta foi:

2- Como deve ser o aluno no final do curso de alfabetização?

Para essa questão obtivemos 30 respostas e apresentaremos todas:

- críticos com os problemas sociais – 10 respostas – 33,33%;
- independentes e seguros – 7 respostas – 23,33%;
- alfabetizados – 7 respostas – 23,33%;
- determinados – 4 respostas – 13,33%;
- conhecedores do saber – 1 resposta – 3,33%;
- interessados na continuidade – 1 resposta – 3,33%.

Nota-se que os monitores deram menos respostas para essa questão, mas estas se concentram mais nas categorias. Ou seja, havia um acordo maior entre os monitores sobre o objetivo do curso, o que não aconteceu quando responderam sobre o perfil dos alunos.

Interessante que das 30 respostas somente sete revelaram que o aluno deveria sair alfabetizado. A pergunta foi feita com a intenção de não se colocar tempo premeditado para a alfabetização.

A terceira pergunta foi realizada para que tivéssemos uma idéia de como o monitor em alfabetização se via na sala de aula. Tivemos 83 respostas dentre as quais as mais freqüentes:

3- Como o monitor é em sala de aula?

- preocupada em não errar – 15 respostas –18,07% do total de respostas;
- tem falta de formação e informação – 8 respostas – 9,63%;
- tem dificuldade na maneira de se comunicar com o aluno - 4 repostas – 4,81%
- profissional no que faz – 8 respostas –9,63% ;
- paciente – 7 respostas – 8,43%;
- preocupados com os alunos – 6 respostas –7,22%;
- tem criatividade – 5 respostas –6,02%;
- é extrovertida com o aluno – 4 respostas – 4,81%:
- estimulador – 4 respostas – 4,81%;

Notamos nas respostas que as três primeiras estão intimamente ligadas mostrando-nos o despreparo dos monitores que neste momento, estão “pedindo” uma ajuda.

A quarta pergunta foi preparada para pudéssemos obter deles próprios o perfil de como deveria ser o professor para aquele aluno com as qualidades que nos descreveram. Para tanto obtivemos 44 respostas dentre as quais as mais freqüentes foram:

4- Como deve ser o monitor de alfabetização de adultos?

- responsável – 15 respostas – correspondendo a 34,09%:

- segura/preparada – 09 respostas – correspondendo a 20,45%;
- crítico e informado – 09 respostas – correspondendo a 20,45%;

As questões nos moveram a refletir mais sobre o nosso próprio processo na coordenação e assim essas discussões com os monitores e a companheira da parceria foram nos inspirando a fazer deste programa um estudo mais aprofundado sobre formação de professores alfabetizadores de adultos.

Relatos e troca de experiência

Não podemos deixar de relatar os HTPCs que fizemos especialmente para trocas de experiência, onde cada monitor ia relatando como estava sua sala, quantos alunos, suas dificuldades e seus avanços. Daremos exemplos de alguns relatos de monitores que foram registrados pela monitora do Departamento de Educação, do dia 4 de junho de 1998, do período da manhã. Nesse dia estiveram presentes sete monitores alfabetizadores.

1- *“Analu: 19 alunos e a maioria já está lendo e escrevendo, três não lêem nada e um desistiu por problemas de saúde. No começo, os alunos não demonstraram interesse, pois os textos eram mais longos e eles desanimavam. Com a introdução de poesia e histórias curtas, os alunos passaram a ter mais interesse e mais facilidade para ler palavras que já conheciam. Os que têm dificuldade de ler, sublinham as palavras que conseguiram para comparar com textos anteriores e verificar se aprenderam um pouco mais. O trabalho com o material dourado está saturado para alguns, mas mesmo assim ainda utilizo para que os que têm dificuldade possam aprender melhor. No princípio havia a necessidade de escrever os problemas na lousa para eles copiarem, agora os alunos já não querem copiar, querem ler e já resolver. Estamos fazendo uma atividade de elaboração de um cartão para o dia dos namorados, os cartões estão sendo criados pelos alunos com técnicas de ed artística”.*

2- *“Iracema: 28 alunos. Muitos estão com problemas de saúde e costumam faltar e uma desistiu por problema de saúde. Mais ou menos cinco têm maior dificuldade para escrever do que para ler. Estou com dificuldade em trabalhar com coisas diferentes com alguns alunos que têm mais dificuldade em escrever. Há dificuldade em trabalhar em grupo, geralmente os alunos sentam separados mesmo em atividades em conjunto. Tenho uma aluna que diz que não sabe nada, que não aprende, mas já observei que ela evoluiu bastante. O ensino da matemática ainda é mais difícil*

porque as atividades ainda não refletem a realidade do aluno. Trabalharam com os gastos que uma família tem com o salário, mas algumas atividades não se relacionam com a realidade. Já trabalhei a música “Chico Mineiro”, a música do abecedário da “XUXA” e a música “Eu sem você”. Todos gostaram muito e quase todo dia querem cantar a do “Chico Mineiro”. Estou satisfeita com meu trabalho, às vezes fico muito feliz com o sucesso das aulas, mas às vezes vou frustrada para casa.”

3- *“Maria: 17 alunos matriculados e 11 freqüentes. Devido às colheitas em Montalvão (Distrito distante uns 14 Km) alguns alunos não freqüentam regularmente as aulas. Desses que freqüentam, três não dão conta de ler e escrever e o restante já sabe ler e escrever. Dos três que não liam, já começaram a ler um pouco. Um deles viu um caminhão escrito LAJES ROMA, e conseguiu ler e perguntou se era isto mesmo que estava escrito. Utilizei o catálogo publicitário das Lojas Americana, separando produtos de limpeza, alimentos, etc. e perguntei se eles sabiam qual era o nome da loja: e todos conseguiram identificar. Um aluno já conseguiu escrever um bilhete para avisar que já havia preparado o jantar. Dei a música “Atirei o Pau no Gato”- escrevi n lousa e pedi para que eles copiassem e sublinhassem a palavra GATO (se eles reconhecessem). Depois pedi para que recortassem todas as palavras e recolocassem na ordem da música. Não trabalhei matemática ainda. Sinto insegura com a leitura e com algumas atividades, pois estou trabalhando com palavras isoladas, sem relação com textos ou com a vida dos alunos”*

4- *“Kellen: 24 alunos freqüentes. Desses 22 já sabem ler e escrever, os outros 2 não sabem nada. Uma maneira mais significativa do trabalho é promover atividades a partir do texto em duplas, aproveito os cartazes expostos na sala de aula. Após a visita da coordenadora e as suas sugestões, eu me senti mais segura. Hoje estou satisfeita com o meu trabalho. Em relação à matemática trabalhei com operações simples de somar e subtrair e problemas, mas faz muito tempo que não trabalho matemática.*

5- *“Eulália: 20 alunos freqüentes, 16 já estão lendo e acompanhando, três estão começando a ler agora e um sabe decifrar o “A”; minha sala é bastante participativa e isto é bastante estimulante. Agora estamos trabalhando sobre meios de comunicação- muitos queriam saber escrever carta. Já fizeram um cartaz com figuras dos meios de comunicação, com os nomes em baixo das figuras correspondentes. Agora entramos no meio de comunicação falado- TV e rádio, escrevendo com a ajuda deles, os nomes das programações das emissoras de TV e rádio.*

O primeiro trabalho de matemática foi sobre o 'café da manhã', mas quando comecei a trabalhar com o ábaco alguns alunos desistiram, continuei, insistindo no ábaco mesmo sem o interesse dos alunos e outros desistiram. Mas não acredito que a saída dos alunos deva ser só por causa do trabalho que vinha sendo realizado, acredito que tenha outro motivo qualquer. Não me sinto segura em trabalhar matemática, pois não conheço com segurança o material dourado, e não domino bem o trabalho de matemática. Na minha classe os alunos me pressionam para aprenderem somente a leitura e a escrita. Tentei explicar que a matemática caminha junto com a leitura e a escrita, mas não consegui convencê-los da importância, por isso achei que a necessidade urgente é o ensino da leitura e da escrita”.

6- *“José Antonio: 17 alunos freqüentes. Três alunos só escrevem o nome, outro só sabe ler bem e não consegue escrever, e um outro já lê e escreve só que precisa de um atendimento individual. Levei pra a sala de aula embalagens de produtos para os alunos criarem o slogan. Trabalhamos um texto livre- slogan-e fui o escriba da classe. É preciso ter táticas e habilidades didáticas para fazer um bom trabalho. Na minha classe, os alunos pedem para estudar matemática e mesmo sem material dourado, produzimos o material com sulfite e os alunos continuam com muita vontade de aprender. Da mesma forma que existe uma didática própria para o ensino da língua escrita também ocorre para o ensino da matemática”.*

7- *“Eduardo: 16 alunos freqüentes. Doze já conseguem ler e quatro têm dificuldades. A minha maior dificuldade é dar continuidade às atividades de recorte, caça-palavras, etc; fico meio perdido em saber como continuar. Encontro resistência de alguns alunos quando proponho trabalhar com cartas. Outra dificuldade é o trabalho em grupo, com a socialização entre os alunos. Eu utilizo dinâmicas e brincadeiras para introduzir um trabalho novo, e os alunos participam bastante. A dificuldade maior ainda é a aceitação da matemática, e o como trabalhar, visto que alguns alunos ameaçam deixar a sala de aula. Tenho dificuldades no empresta um e com o vai um, mas ao mesmo tempo já estou trabalhando multiplicação. Numa aula eu me enrolei todo numa conta: $100 - 36$, porque o resultado não batia com de uma aluna da sala, então procurei a Adriana (outra monitora) da sala vizinha para ajudar e ela reconheceu publicamente que eu tinha errado e juntos aprendemos como fazer a conta”.*

Os relatos de experiências foram feitos por necessidade de ouvi-los dizer o que e como estavam realizando o trabalho, mas também para que pudessem um

compartilhar com o outro suas angústias, ansiedades, erros e principalmente acertos. Esses momentos foram muito interessantes para eles. Sempre estavam pedindo que acontecessem. Para nós, coordenadores, eram momentos muito importantes para se verificar as dúvidas, os anseios, as expectativas e buscar novos textos, comentários e atividades que pudessem realmente ir de encontro com as necessidades dos monitores. Muitos HTPCs e cursos de capacitação foram montados partindo desses relatos após discussões entre coordenação, assessoria e monitores.

Podemos verificar a importância dos HTPCs em alguns relatórios entregues no final de 1999.

Cruz, aluna do curso de Pedagogia, com sala na Igreja Metodista, uma turma de 3ª idade, afirma:

“Até ser convocada para trabalhar no Programa de Combate ao Analfabetismo, em setembro de 1999, desconhecia a sigla HTPCs, e conseqüentemente seu significado e objetivo...Atualmente não consigo imaginar trabalhar sem ter o HTPC como porto seguro, pois é nele que às vezes antes de verbalizarmos nossas dúvidas, ouvimos exatamente como solucionar o problema que temos na sala de aula. Recebemos instruções, as quais discutimos de como nos relacionar com os adultos, no meu caso em específico, tenho uma aluna de 21 ano portador da Síndrome de Down, e nunca havia lidado com alguém nessas condições, tive auxílio da coordenadora de como agir dentro das minha limitações e das limitações da aluna”.

A monitora Santos, aluna do curso de Pedagogia, com sala na Clínica Santa Catarina, grupo composto pela 3ª Idade relata o seguinte:

“Bem, eu estava com apenas uma semana de EJA, mas pelo que pude notar, desde então era de que se tratava de um trabalho que exige dedicação, compromisso social, serenidade e seriedade. Daí por diante, os HTPCs se tornaram muito importantes em meu trabalho, pois as experiências relatadas por meus colegas de trabalho me auxiliam muito a começar, e a adquirir minha própria experiência....Nos HTPCs.... são discutidas questões que aparecem na sala de aula, problemas e avanços que venham, a surgir, são também lidos textos que auxiliam a prática dos monitores em sala de aula, as questões sobre o textos são levantadas e discutidas pelo grupo”.

Aglio, aluna do curso de Especialização para Crianças Especiais, sala no Sesi, grupo composto pela comunidade do bairro Ana Jacinta, afirma:

“Os encontros contribuíram muito para a formação de professores alfabetizadores e acredito que o ano de 2000 vai ser mais valioso, pois eu acredito que cada dia que passa, novas experiências estão sendo trocadas e estamos chegando a um consenso, onde observamos a necessidade de termos planejamento para ser cumprido, pois só assim teremos então meio e fim de um trabalho de alfabetização que sirva como modelo, e nos realize como profissionais, onde iremos sentir orgulho de sermos monitores”.

Vilela, formada em Educação Física, aluna especial no curso de Pedagogia; está no programa desde seu início e foi classificada entre os cinco primeiros lugares; sua sala localizada numa Escola Estadual, e podemos dizer que muito bem localizada. A monitora afirma:

“Enfim, é onde se pensa, repensa e transforma o pensar. Tudo em direção ao crescimento da produção de conhecimento de cada um...Os HTPCs são muito importantes porque é o espaço onde, nós monitores, recebemos ou renovamos essa carga de coragem, segurança e vontade para continuarmos nossa caminhada, que todos nós sabemos que não é fácil”.

Acreditamos que o espaço criado de três horas semanais se tornou um instrumento valioso tanto para os monitores como para a coordenação. É um momento de reflexão sobre a prática, apesar disso não ser fácil, pois ainda estamos caminhando na busca de um professor reflexivo. No entanto, estamos vendo crescer uma nova geração comprometida com o seu trabalho que busca novos conhecimentos e se descobre enquanto construtor de sua própria história. Acreditamos que a busca da identidade de um educador de jovens e adultos começa assim, ousando ser, se descobrindo no cotidiano.

No I Seminário Regional de Educação de Jovens e Adultos, os monitores do Programa Combate ao Analfabetismo souberam se colocar muito bem em suas reivindicações ao Secretário de Educação que estava presente: primeiro, pediram o reconhecimento deles não como monitores, mas como educadores de Jovens e Adultos; segundo, pediram o reconhecimento como profissionais da educação; terceiro,

solicitaram que o programa se transforme em modalidade de ensino: Ensino para Jovens e Adultos.

As Relações de Parceria: problemas, dificuldades e perspectivas

Muitas são as dificuldades que vão aparecendo no caminho e muitas vezes se tornam problemas, porém compreendemos que trabalhar em parceria não é fácil. É saber administrar as inseguranças, os anseios, desejos, medos de um e do outro. Somos, SEDUC e UNESP, coordenadora e assessora, Maria do Carmo e Fátima, duas partes, que falam de um lugar diferente, entretanto têm o mesmo objetivo, mas que aprenderam a trilhar os caminhos de muitas formas diferentes, e que, às vezes se encontram e outras se esbarram. Se não soubermos ser humildes para reconhecer não só os erros, mas as representações que cada um faz do trabalho que vai realizar, acontece um diálogo de “surdos”, ninguém entende ninguém.

Muitas coisas tivemos que aprender. Primeiro, compreender a estrutura hierárquica que existe entre os coordenadores e orientadores pedagógicos. Foi difícil compreender o status que a função dá a um e ao outro, isto é, quem é subordinado de quem.

Os problemas que foram aparecendo, foram sendo discutidos no próprio local e buscávamos soluções coletivamente: coordenadora/parceira/monitoras. A minha proposta era muito mais de parceria do que de assessoria. Durante algum tempo, não houve problemas sobre a parceria, estávamos sempre nos encontrando e tentando resolver os problemas do grupo no grupo.

Houve momentos bastante significativos. Tivemos que nos esclarecer sobre o que é uma assessoria e uma parceria. A SEDUC optou por assessoria.

Este relato faz parte da tese de Doutorado da Profa. Dra. Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti, intitulada : FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS : O EDUCADOR POPULAR.

Esta Tese de Doutorado nasce da necessidade de se aprofundar sobre o Educador Popular Alfabetizador de Jovem e Adulto, após o trabalho efetivado em parceria com a Prefeitura de Presidente Prudente.

A partir de 2001 iniciamos o PROJETO DE CAPACITAÇÃO DE MONITORES PARA OS ASSENTAMENTOS RURAIS.

II- PRONERA

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A REFORMA AGRÁRIA

Em 28 de dezembro de 2000 a assinatura do convênio saiu no Diário Oficial da União.

A Faculdade em férias coletivas, o repasse dos recursos da primeira parcela teria que acontecer junto com o orçamento da Universidade, assim só tivemos condições de iniciar o processo de capacitação em 20 de janeiro, contudo, as aulas iniciaram, conforme entendimento com o MST, em janeiro de 2001, pois muitos monitores já haviam iniciado anteriormente como voluntários.

Encontros coletivos para elaborar a primeira capacitação foi em final de janeiro, onde estiveram presente os coordenadores locais, os estagiários universitários e a professora coordenadora do Projeto. A preocupação com a capacitação foi de elaborar subsídios para a continuidade de um trabalho que já vinha sendo realizado pelo MST.

A demanda de alfabetizandos na região em que trabalhamos foram detectadas pelo movimento que já tinha os lugares onde havia a necessidade de se montarem salas de aula. Os alunos foram selecionados através de visitas aos assentamentos pelos monitores, pessoas vinculadas de alguma forma ao Movimento Social, que assumiriam as salas.

Os monitores foram contratados a partir dos critérios estabelecidos conforme o programa de trabalho, onde indicamos que os monitores seriam pessoas ligadas ao MST que desenvolvem atividades nos assentamentos, indicadas pela comunidade e que têm disponibilidade de tempo para dedicar-se ao projeto e que também estivessem cursando as séries finais do ensino fundamental ou o ensino médio.

Os estagiários vinculados com a UNIVERSIDADE passaram por entrevista realizada pela coordenadora do projeto, e o critério para escolha foi que tivessem algum projeto de monografia junto aos assentamentos rurais implantados no Estado de São Paulo ou ainda que já tivessem participado em projetos de Educação de Jovens e

Adultos, com disponibilidade de tempo para a capacitação e visitas aos assentamentos assim como o compromisso político com a educação para o campo.

Os coordenadores locais são pessoas militantes do movimento e que participam da coordenação do setor de educação do MST nas secretarias regionais do Pontal do Paranapanema e Andradina, com disponibilidade de tempo para acompanhar o PRONERA.

Esse projeto é fruto das conquistas do MST, pois desde 1999 estamos trabalhando e reivindicando recursos para melhor desempenho dos monitores nas referidas regiões.

A coordenadora do projeto foi procurada pelo movimento por ser a F.C.T. – UNESP a mais próxima das regiões e por ter experiência em alfabetização de adultos, bem como simpatia pela luta do MST.

As negociações foram realizadas desde esse período em encontros dentro da faculdade e em algumas visitas realizadas nos acampamentos e assentamentos. Assim a coordenadora procurou assistir alguns encontros pedagógicos realizados por outra equipe do projeto anterior para tomar conhecimento de como deveriam ser realizadas as capacitações.

Foram grandes as negociações para que se consolidasse esse projeto. Muitas ligações telefônicas, vários encontros para que pudessemos entrar em acordo coletivo sobre a elaboração e o desenvolvimento do projeto. Assim, toda a pré-elaboração do Plano de Trabalho foi realizada junto com os coordenadores locais, estagiários, voluntários e colaboradores.

A elaboração do plano de trabalho aconteceu nos meses de novembro e dezembro, momentos onde efetuamos o levantamento da demanda nos assentamentos e as inscrições dos alfabetizandos.

Através dos coordenadores locais, fizemos o diagnóstico para encontrarmos os objetivos e os conteúdos que deveriam estar na Primeira Capacitação. Discutimos também a compra do material: kit aluno, kit monitor e material para a capacitação.

O material foi distribuído no último dia de capacitação para cada monitor e esses levaram para sua sala de aula e entregaram aos alunos. Em nossas visitas pudemos verificar que todo o material está à disposição dos alfabetizandos.

Todas as decisões tomadas foram discutidas com o grupo de coordenadores, estagiários, professora coordenadora e demais pessoas voluntárias. Estão incluídos no Projeto os seguintes Monitores:

MONITORES PARTICIPANTES, POR ASSENTAMENTO

NOME	ASSENTAMENTO	MUNICIPIO
Edi Gomes P. Fontoura	Belo Monte	Castilho
Edson Santos Oliveira	São José	Birigui
Fátima Quintal Borghi	Aroeira	Guaracá
Renata Paulino de Oliveira	Esmeralda	Pereira Barreto
Roxane dos Santos	Timboré	Andradina
Silvana da Silva Deus	Primavera	Andradina
Suzete Eliana Balbino	Rio Paraná	Castilho
Telma Máximo de Sena	Regência	Paulicéia
Alessandra A.T.dos Santos	Primavera	Pres. Venceslau
Andréa Ap. S. Silva	Antonio Conselheiro	M.Parapanema
Claudete Ap. de Lima	Laudeonor de Souza	Teodoro Sampaio
Dirceu Mendes Batista	Pe. Jozimo	Teodoro Sampaio
Josenilton X. de Amaral	D.Tomás Balduino	Sandovalina
Lucidalva G. dos Santos	Maturi	Caiua
Lucilene R.Laerte	Bom Pastor	Sandovalina
Leandro O de Aguiar	Santo Antonio	Pres. Bernardes
M. Madalena Castilho	Chico Castro Alves	Martinópolis
Marisa de Fátima da Luz	Rodeio	Pres. Bernardes
Oziel F. dos Reis	Bom Pastor	Sandovalina
Priscila M. da Silva	Nova Conquista	Rancharia
Valdinéia C. Acioli	Florestan Fernandes	Pres. Bernardes

Coordenadores locais: Valdecir Pereira de Aquino

Lara Cristina Antunes

Estagiários: Raquel da Silva Rocha

Sérgio Gonçalves

Tatiane Dalpério Toninato

A demanda de turmas para alfabetização de Jovens e Adultos naquele momento era para 50 turmas com 20 alunos em cada turma. Entretanto, foram aprovadas pelo INCRA, apenas 21 salas, distribuídas em duas regiões: Pontal do Paranapanema e Andradina. As salas são compostas por 20 alunos cada, havendo estes sido matriculados inicialmente. Assim, iniciamos os trabalhos com o total de 420 alfabetizando inseridos no Projeto.

A estratégias utilizadas foram: visitas às casas das famílias assentadas, reuniões com grupos nos assentamentos e reuniões do próprio MST. Ficaram os monitores e os coordenadores locais responsáveis por essa tarefa, pois eles, como já mencionamos, tinham um levantamento em qual assentamento a demanda era maior, assim como tinham também algumas salas de alfabetização de jovens e adultos funcionando com monitores voluntários.

Iniciamos o projeto com 21 salas, ou melhor, 21 turmas de alfabetizando com 20 ou 21 alunos em cada turma. Algumas turmas já vinham tendo aulas, como foi dito, em caráter de voluntarismo, algumas em casas de familiares outras em salas cedidas pela Prefeitura do município.

É bom frisar que não havia o PRONERA em vários destes assentamentos. Quando iniciamos nossas atividades, fizemos um acordo com o MST que capacitaríamos todos os monitores, inclusive os voluntários, assim quando houve necessidade de trocas de monitores ou fechamento de algumas turmas, isto foi feito com tranquilidade, outras turmas foram incluídas no PRONERA (conforme Ofícios enviados ao INCRA). Assim, continuamos com todas as 21 salas.

Não tivemos nenhum problema quanto à aceitação do projeto, muito pelo contrário, sabemos e foi possível observar o quanto estas populações esperavam por projetos como esse, haja vista, a consciência e a necessidade de se solucionarem problemas relativos a crédito, energia, saúde, lazer, enfim: necessidades básicas da cidadania e qualidade de vida no Campo.

Esse trabalho iniciou com a colaboração de todos os participantes, com muita vontade política e pedagógica para que tudo se encaminhasse corretamente dentro da agenda inicial.

MONITORES E ASSENTAMENTOS SELECIONADOS

Quando formulamos o atual Projeto Técnico, buscamos uma meta de 21 Monitores. Ao definirmos os assentamentos onde as classes de alfabetização iriam ser organizadas, demos ênfase àqueles assentamentos onde já haviam turmas iniciadas. Com a organização de novas turmas, ficamos com o seguinte quadro:

Quadro Síntese da Escolaridade dos Monitores, Assentamentos Selecionados e Início das Aulas nas Classes de Alfabetização na Região de Andradina

MONITOR	ESCOLARIDADE	ASSENTAMENTO	INICIO DA TURMA
Suzete Eliana balbino	Magistério	Rio Paraná	Fevereiro / 1999
Roxane dos Santos	Tec.Agrícola	Timboré	Fevereiro / 1999
Telma Máximo de Sena	Ens. Médio	Regência	Outubro / 1999
Edi G. Pereira Fontoura	Ens. Médio	Belo Monte	Janeiro / 2000
Oziel F. dos Reis	Tec. Agrícola	São Bento	Fevereiro / 2000
Lucilene Ribeiro leite	Ens. Médio	Bom Pastor	Fevereiro / 2000

Quadro Síntese da Escolaridade dos Monitores, Assentamentos Selecionados e Início das Aulas nas Classes de Alfabetização na Região do Pontal do Paranapanema

MONITOR	ESCOLARIDADE	ASSENTAMENTO	INICIO DA TURMA
Alessandra A T.Santos	Ens. Médio	Primavera	Junho / 2000
Lucidalva G. dos Santos	Ens. Médio	Maturi	Agosto/ 2000
Edson Santos Oliveira	Ens. Médio	São José	Agosto / 2000
Leandro O de Aguiar	Ens. Fundamental	Santo Antonio	Agosto / 2000
Claudete Ap de Lima	Méd. Incompleto	Laudenor de Souza	Outubro / 2000
Rita Alves da Costa	Ens. Fundamental	Nova Conquista	Novembro / 2000
Maria Madalena Castilho	Fund. Incompleto	Chico Castro Alves	Novembro / 2000
Silvana da Silva Deus	Ens. Fundamental	Primavera	Janeiro / 2001
Andréia Ap. Santos Silva	Ens. Médio	Ant. Conselheiro	Janeiro / 2001
Josenilton X. do Amaral	Agrônomo	D. Tomás Balduino	Janeiro / 2001
Renata P. de Oliveira	Ens. Médio	Esmeralda	Janeiro / 2001
Dirceu Mendes Batista	Fund. Incompleto	Padre Josimo	Janeiro / 2001
Marisa de Fátima Luz	Magistério	Rodeio	Janeiro /2001
Valdinéia Cristina Acioli	Ens. Médio	Florestan Fernandes	Janeiro/ 2001

ALFABETIZANDOS

A partir de todo um trabalho efetuado pelo MST visando divulgar o Projeto PRONERA nos variados assentamentos rurais que estão implantados nas regiões de Andradina e no Pontal do Paranapanema, pudemos obter qual seria a demanda por salas de alfabetização nessas comunidades.

A partir da definição dos assentamentos onde o Projeto iria ser desenvolvido e quais pessoas seriam os Monitores, estes receberam a tarefa de visitar as casas onde haviam pessoas interessadas em se matricular nas salas de alfabetização e montaram suas turmas.

As estratégias mais comuns utilizadas foram colocar a essas pessoas a necessidade que os assentados têm ou terão quanto à melhoria das condições de trabalho e de vida a partir do domínio da palavra escrita e da leitura, como por exemplo:

- assinatura de contratos de crédito;
- na leitura de bulas ;
- receitas agronômicas;
- a leitura da bíblia;
- o auxílio aos filhos em idade escolar;
- solução de problemas matemáticos, etc.

Por outro lado, como muitas dessas pessoas foram excluídas ou nem mesmo chegaram a participar da escola (ainda que em outras formas de projetos educacionais, como o MOBREAL), o trabalho de base muito bem executado pelo MST colocou-os na perspectiva de participarem de um projeto sério que contribuiria, seguramente, com melhorias na qualidade de vida desses indivíduos. Dessa forma, os monitores, foram inscrevendo os jovens e adultos interessados em iniciar ou dar continuidade na escolaridade. As turmas foram compostas por 20 alunos. Sendo:

Tabela 3 - Número de alunos

Faixa etária	Masc.	Fem.	Total
Dos 14 aos 30	20	26	46
Dos 31aos 45	42	45	87
Dos 46 aos 60	51	51	102
Dos 61 aos 75	24	26	50
Dos 76 aos 90	05	06	11
Total	142	154	296

EVASÃO

Algumas salas tiveram variação da presença dos alfabetizandos, o que ocorreu devido a vários fatores. Podemos citar alguns desses fatores:

- 1º - Transporte para o percurso do assentamento até a sala de aula, pois muitos alfabetizandos moram longe das salas de aula e têm dificuldades de locomoção, mesmo morando no mesmo assentamento da sala de aula;;
- 2 - Variação do tempo: chuvas, vento, temperatura;
- 3º - Variação da saúde do alfabetizando;
- 4º - Tempo de safra e entressafra, interferindo no ritmo de vida dos alfabetizandos.

Esses são os maiores indicadores de ausência dos alfabetizandos .

Podemos declarar que por essas causas houve uma evasão de 60% no percurso do trabalho. .

CAPACITAÇÃO:

Cada elaboração de capacitação foi organizada coletivamente com os parceiros: MST, coordenadores locais, estagiários, coordenadora do Programa discutiam os conteúdos a serem trabalhados, local de realização, número de horas, cronograma, etc. O Primeiro foi realizado dentro da Universidade com a participação de todos, inclusive a assistente social do INCRA e do ITESP. E teve a seguinte organização:

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Campus de Presidente Prudente

Data: 8 a 11 de fevereiro de 2001

Horário: 08:00 às 23:00 horas

Carga horária total: 60 horas.

Participantes:

- 25 Monitores de classes de alfabetização de diferentes assentamentos implantados no Pontal do Paranapanema e região de Andradina;
- 10 monitores voluntários;
- 04 Palestrantes;
- 01 Professor Coordenador;
- 02 Coordenadores Universitários;
- 02 Coordenadores do MST (Secretarias Regionais do Pontal do Paranapanema e Andradina);

- 03 Assistentes de Coordenação

CIRANDA:

- o 12 crianças de 3 a 10 anos;
- o 01 cirandeira contratada pelo MST.

OBS. Ciranda foi o nome dado pelo MST para o grupo de crianças, filhos e filhas das monitoras que não tinham com quem deixa-los em casa. E como o MST faz questão da participação das crianças junto com as mães sempre vinha uma mulher para tomar conta das crianças do MST e a Universidade trazia uma estagiária para organizar atividades pedagógicas, assim havia um planejamento pedagógico para o dia todo com essas crianças.

Programação:

Dia 08 – Chegada dos participantes de Andradina e Região do Pontal do Paranapanema

Abertura: Mística elaborada pelo monitores MST, com o tema:

“Sempre é tempo de aprender”.

Sempre é tempo de ensinar

...Alfabetizar, alfabetizar...

Mesa de abertura :

Valdecir Pereira de Aquino - Coordenador Estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra-MST

Maria Cristina Copelli - Representante do PRONERA / INCRA

Wilson – Representante do ITESP

Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti – Prof^a Coordenadora- Unesp

Dia 09: às 8:00 hs - Abertura: Mística

Ninguém educa ninguém,

ninguém se educa sozinho.

As pessoas se educam entre si.

Descobrimo esse novo caminho.``

Paulo Freire.

Palestrante: Rosevaldo de Paula (Direção do MST)

TEMA: Conjuntura política do país.

13:30 hs. – Palestrante: Felinto Procópio dos Santos

TEMA: Resgate da cultura do campo

19:30 hs. – Palestrante: Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes

TEMA: A luta pela terra: Reforma Agrária no Brasil

Dia 10 – 08:00 hs. Palestrante: Profª. Drª. Onaide S. Corrêa de Mendonça

TEMA: O início do conhecimento na aquisição da língua escrita

13:30 hs. - Palestrante: Profª.Ms. Maria P. de Fátima Rotta Furlanetti

TEMA: Construção da escrita

Escrever para quê?

Resgate da identidade

15:30horas - café

TEMA: Quem sou eu

Nome próprio

Oficina: Construção do alfabeto móvel

20:00 hs.: Noite cultural

Apresentação do Trio Sanfoneiro da Periferia

Dia 11 – Abertura – Mística:

Música: Pra não dizer que não falei das flores

Geraldo Vandré

8:00HS. - Palestrante: Profª.MS. Maria P. de Fátima R. Furlanetti

TEMA: Registro e Planejamento

LISTA DE MATERIAIS COMPRADOS E DISTRIBUIDOS PARA AS SALAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA ALFABETIZANDOS E MONITORES

KIT SALA DE AULA

Apontador

- Borracha Branca;
- Caderno brochura 80 folhas;
- Caixa de grampos p/ grampeador;
- Caneta esferográfica azul;
- Caneta esferográfica vermelha ;
- Caneta hidrográfica com 12 cores;
- Capa para encadernação preta;
- Capa para encadernação transparente;
- Cartolina branca;
- Cola branca de um litro;

- Cola branca 40 gramas, caixas com doze unidades;
- Dicionário de Português escolar;
- Estojo de madeira com apagador para professor;
- Estojo para alunos;
- Fita adesiva transparente 5cmx50m;
- Giz branco – caixa com 50 unidades;
- Giz colorido – caixa com 50 unidades;
- Grampeador;
- Lápis de cor longo, caixa com 12 cores;
- Lápis preto nº2;
- Mola espiral para encadernação;
- Papel pardo
- Papel sulfite A-4.
- Pasta Azul 02cm/Riopel
- Pasta Azul 3,5cm/Riopel
- Pincel atômico preto/Piloto 850
- Pincel atômico azul/Piloto 850
- Régua Plástica/Bandeirantes

Após efetuarmos a compra destes materiais, os mesmos foram organizados e divididos em 21 kits de Monitor (para cada um dos 21 alfabetizadores) e 21 kits Aluno (material para cada um dos 420 alfabetizandos do projeto), cada qual com os seguintes materiais:

Kit Monitor

- 01 pasta de polipropileno com elástico;
- 01 pasta de polipropileno com grampo;
- 01 caderno brochura com 96 folhas;
- 01 estojo para lápis e caneta;
- 01 estojo para giz;
- 01 cola branca de 1 litro;
- 02 pincéis Piloto;
- 01 fita crepe
- 15 cartolinas;
- 02 fitas adesivas 5 cm;

- 02 pacotes de folhas de sulfites;
- 01 dicionário.
- 01 apagador
- 01 apontador
- 01 régua plástica

Kit Aluno

- 01 unidade de régua 30 cm;
- 02 borrachas branca nº 40;
- 01 tesoura sem ponta;
- 02 canetas esferográficas azuis;
- 02 canetas esferográficas vermelhas;
- 02 lápis pretos nº02;
- 01 apontador;
- 02 cadernos brochura com 96 folhas;
- 01 pasta de polipropileno;
- 01 cola branca;
- 01 lápis de cor longo com 12 cores.

Kit Ciranda

- 10 caixas de giz de cera com as 12 cores,;
- 10 caixas de lápis de cor com 12 cores;
- 50 tesouras sem ponta;
- 05 cores de tinta guache de meio litro;
- 10 esponjas simples;
- 10 pincéis médios;
- 10 caixas de massinha de modelar;
- 01 kit de fantoches manual;
- 06 personagens de fantoche para o corpo;
- 250 folhas de papel craft;
- 400 folhas de cartolina;

13:00HS.- Avaliação do encontro

DIFICULDADES:

Para transportar os monitores do Pontal do Paranapanema houve uma demora relevante, por ter uma distância grande entre os mesmos.

Ciranda: falta de pessoas para tomar conta o dia todo das crianças, recursos para alimentação e recursos para material de papelaria. Verificamos na primeira capacitação a importância de desenvolver melhor o trabalho com as crianças, pois assim as mães, que estavam conosco nas palestras, ficaram mais tranquilas e podem aproveitar muito mais.

Orientação Pedagógica : atividades para salas de aula

DATA: 01/03/2001

Horário: 14:00 às 22:00 horas.

Local: Secretária do MST de Teodoro Sampaio

Carga Horária: 8 horas

Tema:

- Ficha dos alunos;
- mudança de monitor e sala de aula;
- avaliação de diagnóstico para próxima Capacitação.

Participantes: estagiário Sérgio Gonçalves

Colaboradores: Tatiane Dalpério Toninato e Márcia Cristina da Cunha.

Coordenadora do Programa: Maria P. de Fátima Rotta Furlanetti

Reunião entre parceiros do PRONERA:

Data: 15/03

Local: UNESP – Pres. Prudente

Horário: 9 às 17:30 horas.

Carga Horária: 9 horas

- Participantes: Maria Cristina Copelli - INCRA/SP
 - Maria Lúcia Artore Ebaird - INCRA/RJ/SUL/SUDESTE
 - Valdecir P. de Aquino - Coordenador Estadual do Setor de Educação – MST.
 - Lara Cristina Antunes – Coordenadora Local do PRONERA – MST
 - Aparecido Maia – Coordenador do Setor de Educação – MST

- João Carlos – ITESP
 - Raquel Silva Rocha – Estagiária da PRONERA
 - Sérgio Gonçalves – Estagiário PRONERA
 - Tatiane Dalpério Toninato – Colaboradora PRONERA
 - Márcia Cristina da Cunha – Colaboradora PRONERA
 - Maricéia Duarte Carvalho do Prado – Colaboradora PRONERA
 - Profª Ms. Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti –
Coordenadora do PRONERA
 - Profº. Dr. Bernardo Mançano Fernandes – FCT- UNESP
 - Prof. Ms. Munir Jorge Felício – Profº Colaborador UNOESTE

TEMA: Organização do Programa quanto ao pagamento aos monitores:

Os monitores não poderiam ser pagos após o terceiro mês de trabalho, senão estaria configurado vínculo empregatício. A discussão ficou para buscar caminhos para resolvermos este problema junto com a REITORIA em São Paulo.

OFICINA PEDAGÓGICA – Executada em duas regiões:

-Região do Pontal

-Região de Andradina

Local: Andradina, Pontal do Paranapanema e Rancharia

Período de realização: 22 a 25 de Março de 2001

Horário: 08:00 às 22:00 Horas

Carga Horária: 40 horas cada oficina

Participantes: 21 monitores alfabetizadores

10 monitores alfabetizadores voluntários

02 coordenadores locais

02 estagiários de universidade

06 professores colaboradores

03 voluntários para ciranda

12 crianças da ciranda

PROGRAMAÇÃO ANDRADINA:

22/03 – Chegada dos participantes no local e visita a sala de aula no assentamento Esmeralda

23/03 – Manhã: Relato de experiência dos monitores oral e escrito;

As maiores dificuldades enfrentadas pelos monitores são: falta de infra-estrutura, educandos com problemas de visão, salas heterogêneas, distância dos assentamentos à sala de aula.

Tarde: Orientação para aplicação de diagnóstico.

Noite: Planejamento

Trabalho com o poema “Identidade” de Pedro Bandeira.

24/03 – Manhã: Alfabetização Matemática

História da Matemática: Contas

Confeção:

- Ábaco.

Tarde: Palestra: Fundamentos da Revolução Cultural (Andradina)

Palestrante: Simone Tomás dos Santos

Noite: Filme Central do Brasil

Discussão refletindo sobre a importância do ato de ler e escrever para a população mais pobre e o quanto a falta de leitura e escrita nos torna pessoas não participantes dos atos políticos.

25/03 – Manhã: Mística

Trabalho com listas: rótulos, validade, peso

Dinâmicas pedagógicas

Dobraduras

Avaliação e Encerramento da oficina.

Resultado das avaliações: dinâmicas criativas, aulas de fácil entendimento, conteúdo voltado às necessidades das salas de aula.

Tarde: Visita a sala de aula do assentamento Timboré.

Na visita pudemos observar a infra-estrutura da sala de aula, bem como a dificuldade dos alunos frequentarem as aulas (distância). Verificamos os conteúdos já ministrados pela alfabetizadora e os cadernos dos alunos.

Dificuldades:

Dificuldades de comunicação entre coordenador local e os monitores, devido à distância dos assentamentos e transporte para os mesmos se locomoverem até a Oficina.

TRABALHO DOS COORDENADORES LOCAIS

Tanto em Andradina como no Pontal do Paranapanema os coordenadores têm se reunido com os seus monitores de alfabetização para estudos e avaliação das condições de trabalho.

CAPACITAÇÃO DOS MONITORES DO PRONERA – DEZEMBRO 2001

Executada em duas regiões: -Região do Pontal do Paranapanema

-Região de Andradina

Local: Andradina, Pontal do Paranapanema e Rancharia

Período de realização: 10 a 14 de dezembro de 2001

Horário: 08:00 às 22:00 Horas

Carga Horária: 50 horas

Participantes:

21 monitores alfabetizadores

- Fátima Quintal de Mendonça Borghi – assentamento Aroeira
- Telma Máximo de Sena – assentamento Paulicéia
- Edi Gomes Pereira Fontoura – assentamento Belo Monte
- Renata Paulino de Oliveira – assentamento Esmeralda
- Suzete Eliana Balbino de Souza – assentamento Rio Paraná
- Silvana da Silva Deus – assentamento Fazenda Primavera
- Edson Santos – assentamento São José II
- Roxane dos Santos – assentamento Timboré
- Priscila Moreira da Silva – assentamento Nova Conquista
- Oziel Fernando dos Reis – assentamento Bom Pastor
- Valdinéia Cristina Acióli – assentamento Florestan Fernandes
- Dirceu Mendes Batista – assentamento Padre Josimo

- Lucilene Ribeiro Leite – assentamento Bom Pastor
- Maria Madalena Castilho – assentamento Chico Castro Alves
- Marisa de Fátima da Luz – assentamento Rodeio
- Lucidalva Garcia dos Santos Silva – assentamento Maturi
- Alessandra Acosta Teles dos Santos – assentamento Primavera
- Andréa Aparecida dos Santos Silva – assentamento Antonio Conselheiro
- Claudete Aparecida de Lima – assentamento Laudenor de Souza
- Josenilton José de Amaral – assentamento Dom Tomás Balduino
- Leandro Oliveira de Aguiar – assentamento Santo Antonio

10 monitores alfabetizadores voluntários

- Tatiane Aparecida Chieron – Andradina
- Elisangela Rodrigues Costa – Andradina
- Simone T. de Paula – Andradina
- Sirlei Aparecida dos Santos – Teodoro Sampaio
- Ivanir da Silva Albano Silva – assentamento Maturi
- Sandra Helena dos Santos – assentamento Santo Antonio
- Maria Aparecida Gonçalves – assentamento Laudenor de Souza

02 coordenadores locais

Lara Cristina Antunes

Valdecir Pereira de Aquino

02 estagiários da universidade

Raquel da Silva Rocha

Tatiane Dalpério Toninato

04 professores colaboradores

Professor Doutor Alberto Albuquerque Gomes

Professor Munir Jorge Felício

Professora Maricéia Duarte Carvalho do Prado

Colaborador André Luis André

CIRANDA

Responsáveis:

- Regeane de Souza Lima- MST
- Margareth Aparecida Rodrigues- UNESP
- 11 crianças da ciranda

Coordenadora do Programa: Profa. Dra. Maria P. de Fátima R.

Furlanetti

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DA PROGRAMAÇÃO EM ANDRADINA:

11/12

17:30 - Visita a sala de aula nos assentamentos São José e Belo Monte.

19:00 – Chegada dos participantes no local.

12/12

08:00 – Café da manhã

09:00 - Mística: O que é ser Sem-Terra.

Música: Terra e Raiz e Tempo de Aprender.

- Leitura de Poesia pela monitora Roxane do assentamento Timboré, seguido de uma música cantada por todos participantes da oficina.

09:30 – Apresentação dos participantes, encaminhamentos e informes.

- Começamos a oficina explicando o que havia ocorrido com o projeto. Neste momento os monitores falaram de suas impressões sobre o que estava acontecendo em suas salas de aula.

10:00 - Relato de experiência dos monitores oral e escrito.

- Está descrito resumidamente na avaliação final da oficina, o que os monitores relataram neste momento.

Material utilizado: Folha de Sulfite, canetas, lápis, borracha e papel manilha.

12:00 – Almoço

14:00 – Tema: Interpretação de Texto enfocando a correção de erros ortográficos pela transcrição da fala

Objetivo: 1-privilegiar a linguagem oral e escrita;

2- interpretar oralmente as músicas;

3- identificar os erros ortográficos dos alunos ao escreverem as palavras como eles falam.

Material utilizado:

Música: Chico Mineiro de Tonico e Francisco R.

Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, Apostila;

- recorte de revista em quadrinhos do Chico Bento, folhas de sulfite, canetas, lápis, borracha, apontador, lápis de cor.

Responsável: Estagiária Raquel da Silva Rocha

Professora Maricéia Duarte de Carvalho do Prado

16:00 – Café da tarde

16:30 – Tema: Interpretação da poesia

Objetivos: 1-privilegiar a linguagem oral e escrita;

2- interpretar oralmente as músicas;

3- identificar os erros ortográficos dos alunos ao escreverem as palavras como eles falam.

Texto: O poeta da Roça, de Patativa do Assoré. (Apostila)

- Material utilizado: folhas de sulfite, canetas, lápis, borracha, apontador, lápis de cor.

Responsável: Estagiária Raquel da Silva Rocha

Professora : Maricéia Duarte de Carvalho do Prado

18:00 – Jantar

20:00 – Como trabalhar ortografia.

-exercícios feitos com as produções dos alfabetizandos

Material utilizado: folhas de sulfite, canetas, lápis, borracha, apontador, lápis de cor.

13/12 – 08:00 – Café da manhã

09:00 – Mística

09:30 – Palestra com Professor Doutor Alberto Albuquerque Gomes

O professor abordou o tema Educação de Jovens e Adultos: algumas reflexões; Estado, Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos; EJA: correntes e tendências, EJA: problemas e perspectivas.

12:00 – Almoço

14:00 – Histórico da evolução da construção dos conceitos matemáticos de Jovens e Adultos e Orientações para utilização do material dourado.

Material utilizado: Papel metro, caneta esferográfica, material dourado, fita adesiva, cadernos.

Responsável: Estagiária Raquel da Silva Rocha

Professora: Maricéia Duarte Carvalho do Prado.

16:00 – Café da Tarde

16:30 – Oficina: O uso do Material Dourado na alfabetização Matemática

Objetivo: Trabalhar noções de quantidade, as operações de adição e subtração.

Material Utilizado: Papel metro, pincel atômico, material dourado, folhas de sulfite, canetas.

Responsável: Professora Colaboradora Maricéia Duarte Carvalho do Prado.

18:00 – Jantar

20:00 – Avaliação e encerramento das atividades.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DA PROGRAMAÇÃO NO PONTAL DO PARANAPANEMA:

11/12 –

17:30 - Visita a sala de aula nos assentamentos Rodeio, Florestan Fernandes e Santo Antonio.

19:00 - Chegada dos participantes no local.

12/12 – 08:00 – Café da manhã

09:00 – Mística

Cinco monitores entraram com a bandeira do MST, a estenderam sobre a mesa. Declamaram um poema enfocando a luta pela terra.

09:30 – Palestrante: Claudecir –

Histórico da COCAMP, o mesmo foi convidado pela coordenadora local do MST (Lara), já que atualmente ele exerce a função da coordenação dessa cooperativa.

A capacitação e escolarização foram realizadas em uma sala das dependências da COCAMP.

10:00 - Apresentação dos participantes.

A coordenadora local (Lara) e a estagiária Tatiane fizeram encaminhamentos e informes em relação à Programação da Capacitação. O grupo decidiu sobre as normas para funcionamento dos horários estabelecidos para realização das atividades.

10:30 - Relato de experiência dos monitores oral e escrito.

Nesse relato, enfatizaram que alguns monitores tiveram dificuldades em trabalhar os conteúdos de matemática, especificamente a confecção do ábaco. Muitos ainda estão com dificuldades em relação à estrutura física da sala, falta de energia elétrica na sala de aula, essa dificuldade ocasiona problemas para os educandos que não enxergam normalmente escreverem e acompanharem as atividades. A falta de transporte para locomoção dos educandos, segundo os monitores, é outro aspecto que deve ter maior empenho dos parceiros INCRA/ UNRSP/MST e ITESP para tentar uma solução, talvez fazendo uma parceria com as prefeituras onde se localizam os assentamentos que tem sala de aula do Pronera. Houve consenso dos monitores e da coordenadora local (Lara) que o maior obstáculo enfrentado é a paralisação que vem ocorrendo nesse projeto. Essa paralisação principalmente para os monitores, deixa a desejar o processo didático pedagógico que é desempenhado pela a UNESP, pois as capacitações não acontecem com a frequência planejada. Nós acreditamos que esse tenha sido o nosso grande desafio.

A coordenadora Local (Lara) esclareceu sobre a conquista do PRONERA, da luta do movimento social (MST) para viabilizá-lo, mas que todos os parceiros INCRA, ITESP, UNESP e MST deveriam trabalhar juntos. Os esforços acabam sendo diluídos exatamente pela descontinuidade do processo político pedagógico.

12:00 – Almoço

14:00 –TEMA: Interpretação de Texto e a correção de erros ortográficos pela transcrição da fala.

Objetivos:1- privilegiar a linguagem oral e escrita;

2- interpretar oralmente as músicas;

3-identificar os erros ortográficos pelos alunos ao escreverem as palavras como eles falam.

Material utilizado: Música: Chico Mineiro de Tonico e Francisco R. e Xote – Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira;

Apostila, recorte de revista em quadrinhos do Chico Bento, folhas de sulfite, canetas hidrográficas, lápis de cor, apontador, lápis preto, borracha e lousa, apagador.

Responsável: Estagiária Tatiane Dalpério Toninato

Colaborador André Luís André

16:00 – Café da tarde

16:30 –Tema: Interpretação de poesia.

Objetivo: 1- privilegiar a linguagem oral e escrita;

2- interpretar oralmente as músicas;

3- identificar os erros ortográficos dos alunos ao escreverem as palavras como eles falam.

Texto: O poeta da Roça, de Patativa do Assoré. (Apostila)

Material utilizado:

Apostila, recorte de revista em quadrinhos do Chico Bento, folhas de sulfite, canetas hidrográficas, lápis de cor, apontador, lápis preto, borracha e lousa, apagador.

Responsável: Estagiária Tatiane Dalpério Toninato

Colaborador André Luís André

18:00 – Jantar

20:00 – Como trabalhar ortografia.

exercícios feitos com as produções dos alfabetizandos.

Material Utilizado: Apostila, folhas de sulfite, canetas hidrográficas, lápis de cor, apontador, lápis preto, borracha e lousa, apagador.

3/12 – 08:00 – Café da manhã

09:00 – Mística

09:30 – Palestra com Professor Munir Felício,

O professor abordou o tema Educação de Jovens e Adultos: algumas reflexões; Estado, Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos; EJA: correntes e tendências, EJA: problemas e perspectivas.

12:00 – Almoço

14:00 – Histórico da evolução da construção dos conceitos matemáticos de Jovens e Adultos e Orientações para utilização do material dourado. Responsável:

Responsáveis: Estagiária Tatiane Dalpério Toninato

Colaborador André Luís André.

16:00 – Café da Tarde

16:30 – Oficina: O uso do Material Dourado na alfabetização Matemática.

Objetivo: Trabalhar noções de quantidade, as operações de adição e subtração.

Material Utilizado: Papel metro, pincel atômico, material dourado, folhas de sulfite, canetas, lápis, borracha, apontador, giz, lousa, fita adesiva.

Responsável: Colaborador André Luís André.

18:00 - Avaliação e encerramento das atividades.

20:00 – Visita a sala de aula da monitora Priscila, no assentamento Nova Conquista na cidade de Rancharia.

Avaliação

A capacitação e escolarização desenvolvida na Regional do Pontal do Paranapanema, segundo a coordenadora local do Pronera (Lara) e os monitores participantes enriqueceu e preencheu lacunas que os mesmos levantaram nas visitas pedagógicas que realizamos antes da capacitação. De acordo com o relato dos alunos alfabetizando, havia muita dificuldade do monitor em trabalhar os conteúdos de matemática em sala de aula, já que o tema é considerado complexo. Entretanto, a oficina de matemática supriu algumas destas dificuldades, contudo, acreditamos que esta oficina deveria ser oferecida anteriormente para que as dificuldades tivessem sido sanadas mais precocemente.

O grupo avaliou nos relatos de experiência que precisava existir mais participação dos Parceiros INCRA/ ITESP/MST e Universidade para que os problemas levantados nas capacitações tenham um retorno com soluções.

Fizemos uma visita no Assentamento Nova Conquista. Devemos salientar, que a visita feita, surgiu de um convite da monitora Priscila que fez o encerramento das aulas do mês de dezembro com confraternização entre os seus educandos e alguns convidados da comunidade assentada.

Percebemos que a sala de aula fica na sede do assentamento, em uma antiga escola que foi desativada pela Prefeitura Municipal local. Há energia elétrica, porém, a grande dificuldade é locomoção dos alunos até a sala de aula devido à distância dos lotes até a sede, onde acontecem as aulas.

A infra – estrutura da sala de aula, é precária, porém, existem carteiras, cadeiras e lousa, mas não estão conservados. Há também livros que foram doados pela prefeitura e outros arrecadados por conquista da própria monitora.

A monitora (Priscila), mantêm expostos na sala trabalhos desenvolvidos pelos alfabetizandos, pudemos observar poemas, tabuadas, pesquisas feita sobre ditos populares, luta pela terra, música etc.

Obs: A apostila distribuída para os monitores e voluntários foram impressas na impressora, assim como o material distribuído dentro das oficinas.

26/12: Entrega de material

Nesse dia entregamos o material que faltava chegar e que infelizmente não foi possível em tempo para a capacitação.

Dia 26/04 – estivemos presente neste encontro junto com o coordenador local e os monitores. O tema discutido foi A Política da Alfabetização de Adulto.

Horário: 9:00 às 13:00

Carga horária: 4 horas

Local: Pontal do Paranapanema

Participantes: 01 coordenador local

Profa. Coordenadora do projeto

01 estagiário

02 colaboradores

13 monitores

Dia 27/04- estivemos presente neste encontro com o coordenador local e os monitores. O tema discutido foi “Semana Paulo Freire”

Local: Andradina

Horário: 12:00 às 16:00

Carga horária: 4 horas

Participantes: 01 coordenador local

01 estagiário

01 colaborador

08 monitores

profa. Coordenadora do projeto

02/05- Encontro com Coordenadora do PRONERA em São Paulo

Local: sede do INCRA

Horário: 9:00 às 13:00

Carga horária: 4 horas

- Prof^a Ms. Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti -
Coordenadora do Projeto -UNESP
- Valdecir P. de Aquino em São Paulo - Coordenador Estadual do
Setor de Educação – MST
- Maria Cristina Copelli –Coordenadora do Incra/Pronera
- Maria Lúcia – Coordenadora Pedagógica do Incra/Pronera

Discutimos o prosseguimento do projeto e o pessoal do INCRA entendeu que a participação dos monitores estava sendo muito importante, apesar de tantas dificuldades, como:

- o pagamento para o transporte dessas pessoas até o local dos encontros, nos assentamentos o ônibus urbano só passava uma vez por semana;
- não havia o transporte dos alfabetizados e dos monitores até a sala de alfabetização;
- o desinteresse das prefeituras locais em oferecer as condições para o transporte e a infra-estrutura para as salas de alfabetização, como: iluminação; carteiras; limpeza; banheiros; merenda.
- A dificuldade no pagamento dos monitores pela UNESP, pois a partir de três meses poderia estar justificado o vínculo empregatício.

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA PELA COORDENAÇÃO E ESTAGIÁRIOS

Este programa pode nos mostrar a realidade do campo e assim entendermos melhor essa realidade. A realidade do campo é dura e cruel.

Primeiro porque essas pessoas que vivem nos assentamentos precisam lutar pelo seu espaço político na cidade em que estão. Segundo, os governantes não os consideram parte integrante do município, mas pessoas que

estão ali e que devem viver por conta da Reforma Agrária, o governo federal não proporciona estrutura para os municípios receberem as trezentas famílias que chegam para se estabelecer nos assentamentos rurais, e sabemos que o aumento de números de pessoas é alto, pois para cada família assentada podemos colocar cinco pessoas, isso faz um montante de 1.500 pessoas a mais no município. Os prefeitos também não se preocupam muito com a saúde e educação dessas pessoas, o que percebemos é o total descaso das esferas públicas.

Quanto às capacitações, a que foi realizada na FCT-UNESP, proporcionou um contato real com os problemas e expectativas dos monitores que iriam desempenhar as atividades do PRONERA.

Através dos relatos de experiência, foi avaliado o grau de escolaridade dos monitores, suas experiências em sala de aula e dificuldades. Partindo dos relatos, procuramos atender as necessidades dos mesmos através de atividades práticas para aplicação em salas de aula.

Ao realizarmos a Oficina Pedagógica Local, que ocorreu simultaneamente nas regionais de Andradina e Pontal do Paranapanema tivemos oportunidade de avaliar o resultado da Capacitação. Os monitores relataram o que foi possível aplicar em sala de aula e os resultados atingidos.

Segundo a avaliação dos coordenadores locais e monitores, as atividades pedagógicas propostas na Capacitação e Oficina, ofereceram elementos essenciais para que um aprofundamento teórico e prático contribuindo para o enriquecimento nos trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Havendo assim, uma boa aceitação por parte dos educandos, em relação à metodologia adotada e os materiais utilizados, no qual houve retorno positivo no processo ensino-aprendizagem.

Como já foi dito anteriormente, as discussões coletivas que antecedem e as visitas às salas de aula dão as condições de avaliarmos as necessidades das salas de aula.

As dúvidas, quanto a utilização de materiais pedagógicos, foram esclarecidas mediante as sugestões de textos contidos nas apostilas, referente a cálculos matemáticos, desenvolvidos pelos jovens e adultos, como também, pela apresentação do material dourado.

Acreditamos que programas sem uma estrutura de continuidade dentro do município não poderá dar certo. Assim podemos dizer que ficou muito

a desejar a realização deste programa no PONTAL DO PARANAPANEMA, Estado de São Paulo.

Por acreditar nisto, nos envolvemos, através de Projeto de Extensão, com recursos vindos da Universidade, continuar com a capacitação de monitores.

III- PROJETO DE CAPACITAÇÃO DE MONITORES PARA O ASSENTAMENTOS RURAIS

Acreditamos que, o processo educativo se manifesta em todas as esferas sociais, sendo a escola uma tentativa de aprisionar no tempo e no espaço o processo educativo; portanto, um espaço privilegiado que todos sem exceção devem ter acesso, sob pena de qualquer padrão de desenvolvimento ou prosperidade malograrem antes mesmo da sociedade usufruir de suas benéficas. Neste sentido, entendemos educação: como a transmissão e a socialização antológica do conhecimento entre as gerações maduras e as novas gerações; o que se mostra sensivelmente abalado quando parte significativa das gerações maduras tem seu processo de desenvolvimento restringido pela exclusão do conhecimento formal transmitido pelo sistema de ensino.

Ao contrário do que pensamos, o sistema de ensino formal, ao longo da história, não constituiu um instrumento de fomento da igualdade, democracia e desenvolvimento, no seu sentido mais amplo; a escola foi, em última análise, um instrumento de seleção social e marginalização que tanto intensificou a desigualdade e o subdesenvolvimento. Assim, o analfabetismo não é e nunca foi uma doença a ser curada, o analfabetismo é resultado de uma organização social injusta e de uma sociedade mal organizada. Nos dias de hoje de cada 100 pessoas que adentram ao ensino fundamental apenas 32 chegam ao ensino médio, não obstante, apenas 8 chegam ao ensino superior, isso sem contar com as pessoas que, como já dissemos antes, nem passam pela escola; a média de anos escolar brasileira é de apenas 4,9 anos, o que mostra o caráter seletivo do processo educativo formal brasileiro.

Diante deste cenário, voltamos a dizer que a Educação de Jovens e Adultos é uma tipologia de ensino inclusivo, cujo objetivo é servir como um instrumento paliativo/positivo de inclusão que, em última instância, deve, promovendo o processo educativo promover sua própria extinção, pois, associada com outras políticas pública direcionadas para educação, deve ser um artifício para resolver as distorções históricas do sistema de ensino, à medida que outras políticas vão

incorporando as novas gerações no sistema formal impedindo a evasão e a exclusão dos indivíduos.

A Educação de Jovens e Adultos é mais que necessária, é emergencial, pois, numa sociedade cuja leitura e a escrita viabilizam todo o processo de organização social, não dispor deste conhecimento é limitar a própria condição de humanidade, que somente se concretiza com a socialização do conhecimento, assim como a socialização da leitura e da escrita.

Queremos neste momento ensaiar brevemente alguns elementos para reflexão que possam nos oferecer maiores instrumentos para analisar e, neste sentido, atuar na questão do analfabetismo com maior clareza, de tal forma a entendermos a complexidade da realidade de que o analfabetismo, e, mais amplamente, a exclusão escolar é implicação e implicante.

Num primeiro momento, vamos abordar, sem querer esgotar aqui a discussão, a relação campo-cidade e algumas formas de manifestação do analfabetismo; num momento seguinte, vamos levantar algumas reflexões sobre os aspectos existências dos assentamentos, principalmente, dimensões sócio-política-econômicas; e, para finalizar, trataremos mais profundamente das questões que envolvem a pedagogia e a condição existencial das populações assentadas.

É preciso ter em mente que assim como a leitura do mundo precede a leitura da palavra, a constituição do campo precede a constituição da cidade. As existências das cidades somente se tornaram possíveis a partir do momento em que o desenvolvimento das forças produtivas permitiram a passagem da lavoura à agricultura, do pastoreio à pecuária e a liberalização de parte da força de trabalho das atividades diretamente ligadas ao trabalho com a terra, como o artesanato, o comércio e a guerra, por exemplo. Por um outro lado, a produção de excedentes no campo criou as condições para a formação de uma sociedade dividida em classes e que tinha na cidade o espaço para o exercício de sua dominação.

Já sob a égide do “*sistema produtor de mercadorias*” – o capitalismo -, o campo ficou subordinado à cidade, pois com a indústria, que nos seus primordes demandava intensa força de trabalho, como substrato do desenvolvimento capitalista, tal desenvolvimento somente poderia se dar nas cidades, na medida em que esta aglomerava a força de trabalho necessária à produção industrial. O campo dentro deste processo é enxergado como espaço que inexoravelmente deve transferir riqueza e mão-de-obra para a cidade.

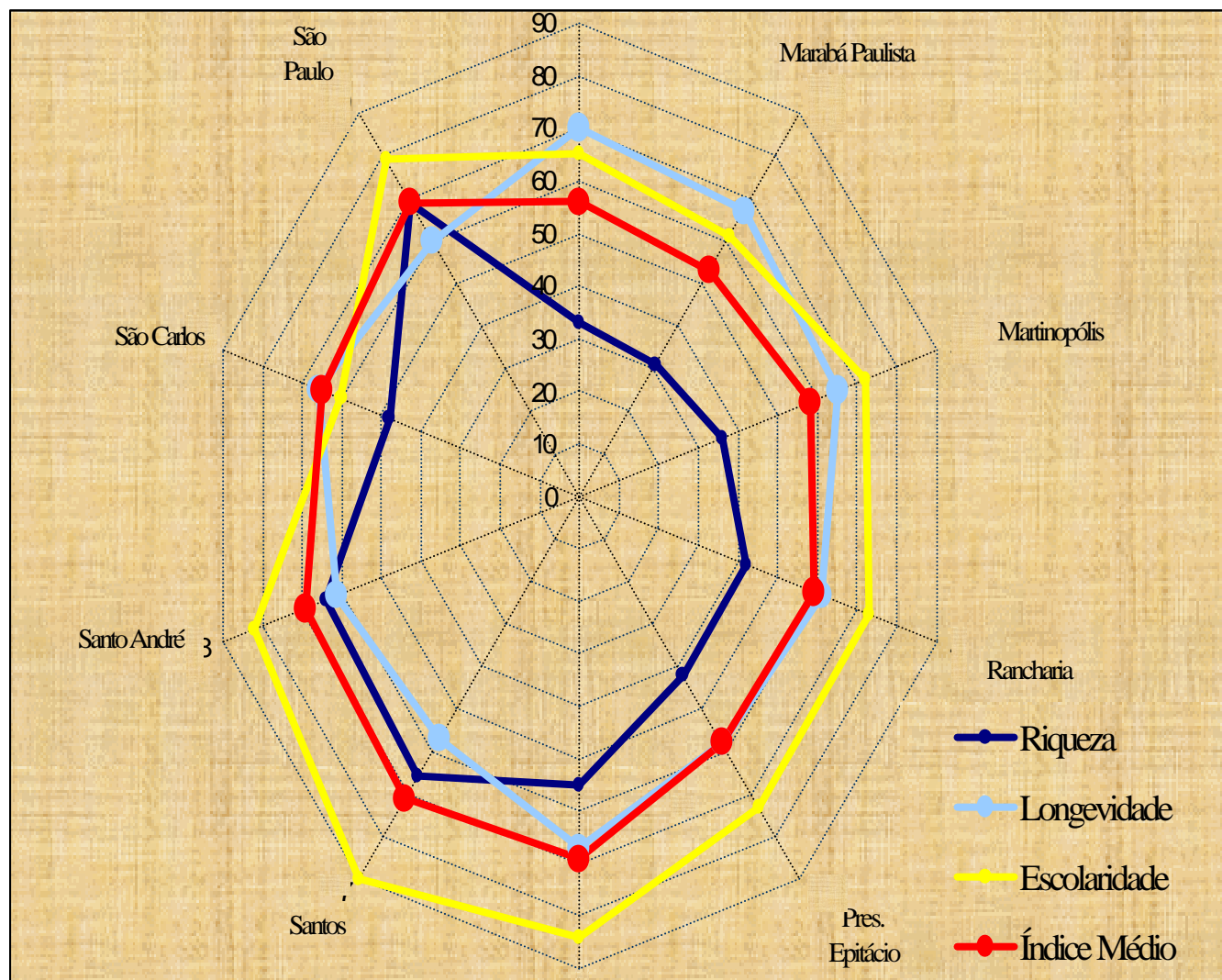
A cidade, então, como o espaço de produção de mercadorias, através do processo industrial de produção, onde esta é cada vez mais mediada pela máquina, e hoje pelo computador, a cidade passa a concentrar e a demandar máquinas cada vez mais sofisticadas e trabalhadores cada vez mais qualificados para lidar com essas máquinas. Em outras palavras, a cidade passa a concentrar e a demandar ciência, tecnologia e trabalhadores qualificados, na medida em que foi necessário criar sistemas de ensino que educassem trabalhadores aptos para o trabalho com a produção industrial cada vez mais mediatizados pela máquina. A cidade se torna o local de comando de toda a produção, seja ela qual for. Assim, o campo é submetido à cidade, a agricultura à indústria, dentro de um processo urbano-industrial de desenvolvimento que cria no seu bojo os símbolos do progressismo, atribuindo ao campo e a agricultura os símbolos do arcaísmo.

O analfabetismo como outros elementos que se manifestam na realidade que experimentamos não é algo imanente ao campo ou a cidade, é, sobretudo, mais uma expressão das contradições que se estabeleceram a partir de relações sociais, políticas, culturais e, entre outras, econômicas desiguais. O modelo de desenvolvimento urbano-industrial tem agonizado, o desemprego, a violência e a miséria, crescente nas grandes cidades não deixa dúvidas sobre essa afirmação. E é exatamente por isso que a questão agrária retoma importância e nos ajuda a reinterpretar a realidade, pois traz a tona a interdependência entre campo e cidade.

Logo a seguir temos um gráfico que nos ajudaram a esclarecer alguns pontos importantes desta e de outras questões:

Gráfico – 1

Índice de Responsabilidade Social dos Municípios de São Paulo em que há assentamentos cujos Monitores participaram da execução deste projeto, bem como municípios-pólos aleatórios para análise e comparação.



Fonte: SEADE

No gráfico acima agrupamos cinco municípios-pólos aleatórios, ou seja, municípios que centralizam significativo poder econômico, científico, tecnológico, político, cultural e ideológico, e os cinco municípios em que há assentamentos que visitamos e cujos monitores participaram da execução deste projeto.

Aqui não é importante se fixar nos números em si, mas naquilo que eles nos apontam. Dos municípios-pólos somente Presidente Prudente se constitui em naquilo que podemos chamar de “*cidade rural*”, dentro de uma concepção que entendemos por “*nova ruralidade*”, que significa o reconhecimento da relação de interdependência entre campo e cidade, não obstante, a centralização de conhecimentos técnico-científico, poder econômico, poder político, poder cultural e ideológico em cidades que são, em última análise, centros de comando da produção agrícola, como é o caso de Presidente Prudente.

Os demais municípios-pólos se organizam para a produção industrial e Presidente Prudente para a produção agropecuária, uma coisa importante que nos mostra o gráfico é que Presidente Prudente não centraliza tanta riqueza como os demais pólos, assim como São Carlos, porém a alta longevidade e escolaridade dam ao município um patamar razoável se comparados com os outros pólos, que tem sua taxa de longevidade diminuída, principalmente, por causa dos alarmantes estatísticas de violência que expressam, entre outras coisas, a morte prematura de dezenas de milhares de jovens todo ano.

Nos municípios que tiveram assentamentos que fizeram parte deste projeto, o que vemos é um esvaziamento econômico, baixa escolaridade, todavia, uma expressiva longevidade se comparada com os municípios-pólos. Como esses municípios não se caracterizam pela centralização dos elementos necessários para caracterizá-los como pólos e, por sua vez, estão localizados aqui na região do Pontal do Paranapanema, região que tem se organizado para a produção agrícola podemos considerá-las “*subúrbios rurais*”, já que, mesmo de forma questionável, dependendo da metodologia de análise, a maior parte da população vive em aglomerados suburbanos com ligações direta com a produção agrícola.

Em virtude do esvaziamento econômico que experimenta estas cidades, os assentamentos rurais são uma possibilidade importante de desenvolver sustentabilidade econômica, na medida em que fomentam o trabalho, fortalecem o mercado endógeno, não obstante, entre outras coisas, é um modo de produzir que pode fazer frente à crise de sustentabilidade que passa a agricultura do país, considerando que a agricultura, não só, brasileira, mas mundial vivência a intensa expropriação rural dos pequenos produtores, a concentração de terras, a pobreza no campo e a degradação dos recursos naturais, efeitos de uma crise estrutural da agricultura capitalista, que remonta ao nosso passado colonial: latifundista, monocultor e escravagista e num processo de desenvolvimento recente que transferiu riqueza do campo para a cidade, num caráter de desenvolvimento urbano-industrial.

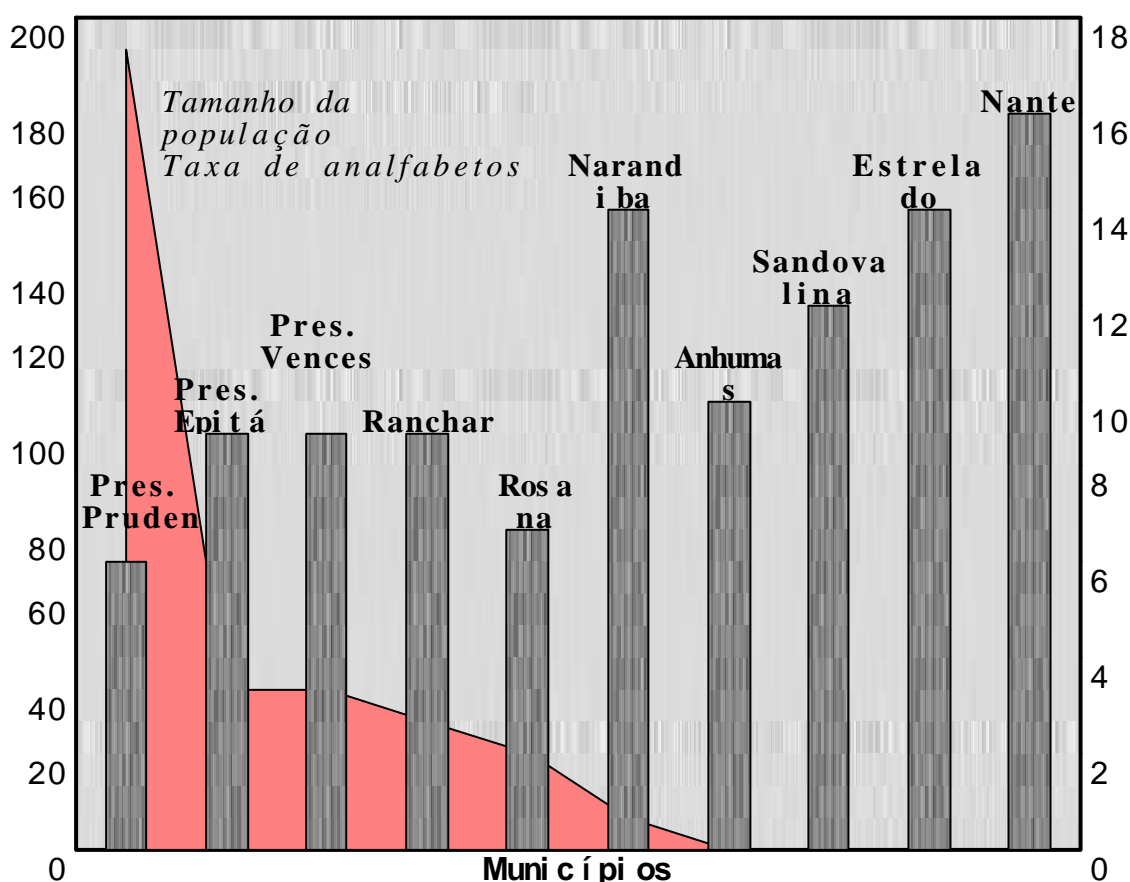
Uma outra coisa importante, dentro desta discussão é o fato de a relação camponesa de produção ser de cunho não capitalista, considerando que é um modo de produzir que não tem como objetivo a mais-valia. Em outras palavras, o pequeno agricultor não vende sua força de trabalho reproduzir sua existência, exceto em momentos de extrema dificuldade em que a renda da terra não lhe garante a sobrevivência. Na relação familiar de produção a mais-valia é extraída na circulação do

produto geralmente numa eventual venda da produção para uma empresa, mediante a auto-exploração do trabalho, já que o produtor não vende seu trabalho, mas o produto dele; diferente do trabalhador assalariado que vende sua força de trabalho e aquilo que assentamentos podem proporcionar formas de produção mais solidárias, que devem encontrar na educação as bases para tal, assim como a produção capitalista encontrou na educação liberal suas bases. ele produz não é seu, mas daquele que compra seu trabalho.

A agricultura familiar e os assentamentos podem proporcionar formas de produção mais solidárias, que devem encontrar na educação as bases para tal, assim como a produção capitalista encontrou na educação liberal suas bases.

A seguir temos um segundo gráfico que nos permite fazer outras reflexões para entendermos a manifestação do analfabetismo:

Gráfico – 2 -Relação entre o tamanho da população e a taxa de analfabetismo dos cinco maiores e menores municípios do Pontal do Paranapanema no ano de 2000.



Fonte: IBGE – SEADE

O gráfico –1 nos mostrou que a baixa escolaridade é um fenômeno cada vez mais expressante dos municípios que sofrem um certo esvaziamento econômico, cujos assentamentos constituem uma alternativa importante e extremamente viável.

No gráfico – 2, onde fizemos o cruzamento entre os cinco maiores e os cinco menores municípios da região no que tange ao número de habitantes, sem se preocupar com os números, mas aquilo que eles expressam, o gráfico nos mostra, em primeiro lugar, que subúrbios rurais tem taxas de analfabetismo maiores que cidades rurais e cidades rurais tem taxas de analfabetismo maiores do que cidades que se organizam para a produção industrial e para o consumo intenso de mercadoria, as chamadas “*cidades industriais*” e “*cidades de consumo e serviços*”.

Uma tendência que nos aponta o gráfico é uma inversão proporcional, quanto maior as taxas de analfabetismo menor o número de habitantes nos municípios. O que é expressão do esvaziamento econômico experimentado por estes municípios, sobretudo, subúrbios e cidades rurais com populações reduzidas.

Com maior incidência de analfabetismo nos municípios menores. O Pontal do Paranapanema é formado por cidades e subúrbios rurais, cuja maioria dos municípios são formados por populações reduzidas e que sofrem com dificuldades de desenvolvimento econômico, o que explica os altos índices de analfabetismo na região, que pode a médio e longo prazo ser minimizado mediante a políticas de assentamentos rurais e a criação de escolas rurais.

Neste momento, vamos nos fixar na escola e na pedagogia. Visitamos 7 assentamentos em 5 diferentes municípios, de todos eles somente em 2 assentamentos havia aparelhos escolares públicos, com plenas condições de infra-estrutura: transporte, iluminação, material, alimentação etc, nos outros 5 assentamentos as pessoas se mobilizaram para montar escolas totalmente a margem do poder municipal, portanto, sem as condições mínimas necessárias para a prática pedagógica. É imprescindível que o poder municipal e as populações locais se mobilizem para a construção de escolas nos assentamentos. A presença do aparelho escolar dentro dos assentamentos é de extrema importância para permitir o acesso das populações assentadas ao ensino fundamental e ao ensino médio.

A proximidade é um fator importante para o acesso à educação formal, do qual as populações assentadas não podem prescindir, para que as populações assentadas não sejam marginalizadas e sub-inseridas no sistema formal de ensino a construção de escolas nos assentamentos rurais é essencial. Como foi dito anteriormente, os assentamentos rurais é uma possibilidade para o desenvolvimento econômico regional, portanto, a população regional e as prefeituras devem se preparar para essa realidade, começando, principalmente pelo sistema de ensino, ou melhor, pela capacidade de garantir aos assentados a inserção e a manutenção dentro do aparelho escolar, cuja proximidade é um fator primordial. Da mesma forma que garantir o acesso ao sistema forma de ensino nas cidades industriais foi como uma espécie de investimento em infra-estrutura para garantir o desenvolvimento econômico, garantir o acesso à escola para as populações assentadas é criar as bases para um outro padrão de desenvolvimento, mais sustentável em todos os sentidos, para a região.

Nesta perspectiva, uma outra questão cabe ser levantada neste ensaio: a pedagogia para as escolas do assentamento tem que tê-los como pressuposto. Não adianta nos assentamento um modelo escolar com fundamentos urbano-industrial, que reproduza os erros e as desigualdades que reproduzem as escolas da cidade, que atuem, em última análise, como um aparelho de verticalidade do poder do Estado, e, portanto, de classe, nos assentamentos.

A pedagogia da escola dos assentamentos tem que tê-los como ponto de partida para sua prática, seus objetivos, métodos, conteúdos..., a vida dos assentamentos deve ser a base desta pedagogia, promover a autonomia deve ser o horizonte desta educação. A educação deve fazer parte da existência desta população, portanto, deve ser criada e condicionada pela forma como as populações assentadas vivem.

O assentamento como lugar específico, com uma combinação social, política, cultural, territorial e econômica, singular, deve condicionar a pedagogia a essa singularidade. Os lugares educam mais que a escola e para que a educação formal seja um instrumento desta população para se desenvolver, ela deve se inserir de forma harmônica a realidade dos assentamentos.

A existência dos assentamentos produz sua própria pedagogia, para tanto, a pedagogia formal deve catalisar esses elementos, de tal forma a balizar a reprodução social dos assentados no próprio assentamento. Além da distancia geográfica, um dos maiores motivos da evasão escolar é a distancia entre o mundo

dentro da escola e o mundo fora dela. A pedagogia dos assentamentos deve ter a **produção familiar como o cerne da educação para o trabalho**, não obstante, deve, exatamente, por causa da agricultura familiar educar os assentados para a ajuda mútua, para a ação política, **para valorização dos elementos culturais** que brotam de sua existência particular, formação da identidade, para relações horizontais e, deve, sobretudo, ser gerida pela comunidade, assim como a própria escola.

A agricultura familiar não pressupõe dominação e sua escola também não deve pressupor, sob pena de tornar a educação formal desnecessária, assim como ela tem se mostrado prescindível para as populações hegemônicas dos grandes centros.

A escola dos assentamentos e sua respectiva pedagogia devem criar bases para o desenvolvimento dos assentados nos assentamentos, de tal forma que a escola e a pedagogia não podem ser hostis a eles, como tem sido as populações hegemônicas das grandes cidades.

Tal educação deve servir a reprodução social autônoma destas populações e não a reprodução social proibitiva, como tem sido a educação das populações hegemônicas dos Grandes centros. Ou essa educação permite o desenvolvimento de fato e em todos os sentidos dos assentados, ou ela castrará o desenvolvimento não só dos assentados, mas de toda uma região impregnada de ruralidade.

Se a pedagogia dos assentamentos não se basear e vivenciar uma pedagogia autônoma ela se tornará tão desnecessária aos assentados quanto o latifúndio.

CAPACITAÇÃO DOS MONITORES

Este plano de capacitação, está inserido dentro do Projeto de Extensão Universitária de Formação e Capacitação de Monitores/Educadores de Jovens e Adultos em Assentamentos Rurais, desenvolvido pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT – da Universidade Estadual Paulista – UNESP -, Departamento de Educação, campus de Presidente Prudente e coordenado pela Professora Doutora Maria Peregrina de Fátima rotta Furlanetti e tem como estagiário/bolsista o aluno do curso de geografia André Luis André, tendo como parceiros o Instituto de Terras do Estado de São Paulo.

O ITESP- Instituto de Terras do Estado de São Paulo contribuiu para o levantamento da demanda de alfabetizandos , bem como o levantamento das monitores que deram continuidade ao trabalho de alfabetização nos assentamentos como voluntárias. Portanto temos nove monitores trabalhando nos assentamentos dos

municípios de Presidente Bernardes, Martinópolis, Rancharia, Presidente Venceslau. Em cada sala de aula, destas monitores, a demanda era de 20 alunos por classe, entretanto a frequência está sendo de 10 alunos por classe. Os problemas que ainda continuam é a inexistência de transporte dentro dos assentamentos e a precariedade das salas de aula (salas sem banheiros, água e merenda)

Para diminuir os efeitos e o crescimento do analfabetismo em alguns pontos de nossa região é preciso combater politicamente a precariedade nos assentamentos devido aos transportes de alunos e monitores, salas de aulas, materiais pedagógicos, colocando a necessidade de mobilizar as prefeituras e gerar discussões envolvendo setores e organizações regionais. Outra contribuição importante foi a parceria estabelecida com instituições não só regionais como prefeituras, mas também com instituições estaduais principalmente ligadas a questão da terra, surgindo o fórum e os seminários internos. O conhecimento da situação regional e a socialização que foi feita do conhecimento produzido pela universidade em todo o decorrer do trabalho, sendo o ponto máximo a capacitação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS GERAIS

Para viabilizarmos este momento de extrema importância que é a capacitação, discutimos alguns textos e charges, mediante a exposição dos mesmos, seguido de estudo dirigido, discussão e debate. Por outro lado, em um momento seguinte, discutimos aspectos da vida dos assentamentos e de que modo podemos aproveitar destes elementos para formular os conteúdos e os exercícios, para a prática da técnica e para atingir os objetivos da ação educativa.

Houve, também, momentos de discussão com os Monitores: seus trabalhos, suas dificuldades, seus êxitos. Lançamos mão de material fonográfico para problematizar o cotidiano da vida do campo e, a partir daí, definir temas geradores, conteúdos, técnicas, exercícios e objetivos.

Por fim, pretendemos avaliar a capacitação e escolher temas centrais para momentos seguintes de encontro. Cada lugar é um lugar, cada população é uma existência e cada existência uma educação. É esse o nosso olhar, é esse o nosso método!

É no diálogo com os Monitores que conseguiremos definir os fundamentos de nossa ação educativa, é problematizando o cotidiano que os Monitores vão definir os fundamentos de sua ação educativa. Decodificar o lugar é pressuposto

elementar de qualquer prática educativa que se pretenda autêntica, original e transformadora.

OFICINAS

A seguir temos as características das oficinas utilizamos os seguintes materiais: textos, transparências, lápis, canetas, cartolinas, folhas de sulfite, charges, material fonográfico, aparelho de som, giz-de-cera, maço de velas, fósforos e lápis de cor, cadernos, dicionários, caneta piloto, fita adesiva, papel metro, papel vegetal e pastas transparentes.

Oficina 1 – *O que é Educação? Escola autônoma versus Escola heterônoma*

É preciso salientar que, definimos: *O que é Educação? Escola autônoma versus Escola heterônoma*, como primeira oficina levando em consideração tudo o que temos observado até este momento, no desenrolar deste projeto.

Houve a discussão sobre a educação, seus objetivos, suas tipologias etc; fundamentados numa fração do texto *O que é Educação?* de autoria do Carlos Rodrigues Brandão e numa fração do texto *Cuidado, Escola!* organizado pelo Paulo Freire, numa discussão sobre os operadores de desigualdades que se reproduzem dentro do estabelecimento escolar, utilizando algumas charges trazidas pelo livro.

Fizemos uma exposição sobre os argumentos do texto e das interpretações que fazemos das charges, em seguida, estudo dirigido sobre o texto e as charges; finalizando com um debate e exposição sobre as especificidades da educação do campo frente à educação da cidade.

Não há uma forma única e nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ele acontece e talvez nem seja o melhor. O ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante.

Oficina 2 – Os Assentamentos e a Pedagogia

Nesta oficina iniciamos com a leitura de um texto produzido por nós, nomeado de Educação, Lugar e Existência. Os monitores trouxeram algumas das

dimensões da rotina dos assentamentos assim definimos temas centrais, conteúdos, técnicas e objetivos. Nosso propósito aqui, é em torno de temas centrais, como: trabalho, cultura, religiosidade e representações da vida e do mundo, extrair elementos para o ensino integrado e distinguido para o ensino das letras e do conhecimento científico, de modo geral, que possa significar a aquisição autêntica, reflexiva e existencial do conhecimento; assim como da linguagem, trabalhando a diferença de desenvolvimento e de ser dos educandos, ao mesmo passo que problematiza o cotidiano e faz dele base para a prática educativa, não obstante, utilizando a produção cultural – poesia, dramatização teatral, música, textos, desenhos e pinturas – como artifício metodológico.

O maior resultado talvez tenha sido tornar este projeto de educação em um verdadeiro projeto de educação popular, além da alfabetização de pessoas que não tiveram oportunidade de freqüentar a escola no tempo adequado.

A construção de conhecimento dos alunos que hoje são alfabetizadores de jovens e adultos bem como as participações nas capacitações em fevereiro e julho, foram fundamentais para um desenvolver compensador do projeto.

Por fim a participação em eventos apresentando trabalhos e relatando suas experiências serviram de grande contribuição para os alunos Monitores/Educadores

Foram no momento de estabelecer parcerias com as entidades e prefeituras regionais, porém após esta conquista o trabalho foi um tanto quanto facilitado, pois são diversas as dificuldades encontradas quando se trabalha com aqueles que foram excluídos de nosso sistema educacional, surgindo assim dificuldades não previstas inicialmente no projeto mas pertinentes ao tema trabalhado.

Este trabalho contribui para a reflexão da prática pedagógica, pois o seu valor está no ideal da Educação Popular que se constitui pelo diálogo e participação. Estão sendo formados Educadores de Jovens e Adultos identificados com os princípios democráticos, onde educandos são considerados como tendo uma história de vida relevante para sua formação em sala de aula e reconhecedor de sua atuação social.

Reuniões e estudos realizados em encontros pedagógicos para a reflexão da prática pedagógica é uma oportunidade oferecida a poucos alunos dos cursos de licenciatura. Procura-se assim aperfeiçoar o conhecimento através dos diálogos entre a prática e a teoria, transformando o cotidiano da sala de aula e conseqüentemente o cotidiano dos alfabetizandos e alfabetizadores

Oficina 3 – Paulo Freire, Vida, Obra e Método

Nesta oficina pretendemos fazer uma ampla exposição, discussão e debate sobre a importância de Paulo Freire e sua proposta de educação, o círculo de cultura, os temas geradores, a problematização dos temas, da palavra, a investigação do universo vocabular, a produção cultural e o aproveitamento desta objetivação da cultura como material didático-pedagógico.

Oficina 4– Avaliação e Formulação de Temas Centrais

Avaliar a capacitação finalizando com uma objetivação cultural a partir de tudo que discutimos e da reflexão sobre o texto da Roseli Salette Caldart, *Imagine Escola* que pode ser um texto, uma pintura, uma poesia, uma encenação ou uma música, entretantes, vamos procurar levantar temas centrais para os próximos encontros.

VI - RESULTADOS

O principal êxito deste projeto foi, sem dúvida nenhuma, contribuir para minimizar os impactos da manifestação do analfabetismo na região, ou melhor, em alguns pontos da região. Como já discutimos, e essa discussão, embora ensaiada, é, também, resultado deste projeto, as cidades rurais e subúrbios rurais, por uma série de razões tende a Ter maiores índices de analfabetos, o que se agrava nos municípios onde a população é pequena e que sofre com o esvaziamento econômico, cujos assentamentos é uma alternativa importante para criar um desenvolvimento econômico mais sustentável e ligado às populações.

Por outro lado, vimos a extrema precariedade dos assentamentos, principalmente os aspectos relativos à educação, que nos colocou diante da necessidade de chamar a atenção das prefeituras e criar instantes de discussão sobre o assunto, envolvendo diferentes setores organizados da região. Daí surgiu o fórum regional.

Uma outra coisa importante que é resultado deste projeto é a parceria que estabelecemos com algumas instituições: prefeituras e instituições ligadas às questões da terra, principalmente.

Outra coisa foi um melhor conhecimento da situação regional e a socialização que fizemos do conhecimento produzido pela universidade em todo o decorrer de nosso trabalho, cuja capacitação é o ponto máximo. Conseguimos junto aos monitores instrumentalizar a eles e a nós com os elementos de uma educação para

autonomia que é o que sempre buscamos. Aprendemos que educação popular, autônoma e transformadora, deve ser vivenciada em todos os momentos, inclusive nos espaços que extrapolam a sala de aula. É possível se fazer uma outra educação, mas essa possibilidade inclui a participação ativa e coletiva do povo, o que nem sempre nós estamos dispostos a reconhecer e a se propor. O cientificismo ainda é o que separa os seres existenciais dos inertes acadêmicos. Os existentes fazem sua própria pedagogia se nos recusarmos a usá-las eles a usam sem nós, e nós deixamos de experimentar a existência singular das populações, inclusive a nossa, e tudo que produzimos de conhecimento não serve a realidade, só serve para reprodução parasitária do meio acadêmico.

A realidade deve condicionar o nosso conhecimento, o conhecimento real tem de servir para os existentes e isso os inclui como produtores de conhecimento, se negarmos isso eles ainda vão fazê-los a nossa revelia, perceber isso é, talvez, o maior resultado do nosso projeto. Nós temos que aprender com os saberes populares existentes, em nosso caso de homens e mulheres assentados, e enquanto produtores de conhecimento sistematizado, não podemos deixar de existir, perceber e compreender as diferentes formas de existência populares, senão tudo aquilo que produzimos não servirá para nada, nem ninguém, só a nós mesmo, assim mesmo, somente dentro da universidade.

Enfim, conseguimos tornar este projeto de educação, realmente em um projeto de educação popular.

Ao todo trabalhos com 10 Monitoras/Educadoras, o que significa um trabalho indireto com mais de 50 alunos alfabetizando. O projeto criou a possibilidade de contribuir com um número considerável de pessoas, todavia, o maior beneficiado fomos nós, pois nos mostramos existentes e o conhecimento que produzimos e adquirimos serviu de fato a alguém.

IV- PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

AValiação DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Histórico do PAS- Programa de Alfabetização Solidária



O Programa Alfabetização Solidária foi criado pelo Conselho da Comunidade Solidária em janeiro de 1997, com o objetivo de reduzir os índices de analfabetismo entre jovens e adultos no País, principalmente na faixa etária de 12 a 18 anos, e desencadear a oferta pública de Educação de Jovens e Adultos.

Em novembro de 1998, foi criada a Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária, uma organização não-governamental sem fins lucrativos e de utilidade pública, com estatuto próprio, que passou a ser responsável pela execução do Programa.

Segundo dados do censo 1991, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há cerca de 15 milhões de brasileiros que não sabem ler e escrever.

Todo o trabalho é realizado com base em parcerias, mantidas com o Ministério da Educação (MEC), empresas, instituições, governos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e pessoas físicas. Até dezembro de 2001, 2,4 milhões de jovens e adultos foram atendidos pelo Programa, pelo índice oficial do Programa.

Ele também atua nos GRANDES CENTROS, de São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Fortaleza e Goiânia, onde o índice de analfabetismo não é elevado mas a concentração de pessoas não alfabetizadas é alta. Criado em julho de 1999, o Projeto Grande Centros Urbanos já atendeu 138.718 alunos até dezembro de 2001.

O custo mensal de R\$ 34,00 por aluno, nos municípios, é dividido entre as empresas, instituições, organizações e governos estaduais parceiros e o MEC. Nos centros urbanos, o mesmo valor é dividido entre o MEC e pessoas físicas, que participam da campanha "Adote um Aluno".

As instituições de ensino superior parceiras executam as atividades de alfabetização desenvolvidas pelo Programa, desde a seleção e capacitação dos alfabetizadores até o acompanhamento e avaliação dos cursos.

A PRO-REITORIA DE EXTENSÃO DA UNESP tem coordenado o grupo de professores que atuaram nos municípios do Nordeste do Brasil.

Participação da UNESP no Programa Comunidade Solidária – PAS período de 1997/2003

Início	Módulo	Município	Alfabetizadores	Alfabetizados	Coordenador	Unidade
--------	--------	-----------	-----------------	---------------	-------------	---------

1997	II	São Miguel do Aleixo SE	72	1300	Profº Drº Olympio Corrêa de Mendonça	FCL-Assis
1998	IV	São Miguel do Aleixo/SE			Profª Marisa Eugênia M. Meira Ragonesi	FC-Bauru
1999	V	SãoMiguel do Aleixo/SE			Profª Renata Junqueira de Souza	FCT- Presidente Prudente
1999	V	Itabaianinha-SE	72	1500	Profª Renata Junqueira de Souza	FCT-Presidente Prudente
2001	X	Itabaianinha-SE	84	2000	Profª Maria P.de Fátima Rotta Furlanetti	FCT-Presidente Prudente
1999	VI	São Paulo-SP	87	2.000	ProfªKathya Maria Ayres de Godoy/Pedag/Geral Profª. Carmina Mendes André/Cultural Cláudia Cascarelli/Grupo Mário Donizeti Ruzza/Grupo	IA-São Paulo
2000	VII	Cidelândia-MA	72	1500	ProfªRaquel Santos Sant'ana	FHDSS-Franca
2000	VII	Davinópolis - MA	72	1300	ProfªMaria Antonia Granville	IBILCE-S.J. Rio Preto
2001	X	Alto Paraíso deGoiás-GO	24	300	ProfªKatia Regina Coutinho Piravano	FCL Assis
2001	X	Água Fria de Goiás-GO	24	260	ProfºJosé Misael Ferreira do Vale	FC-Bauru
2001	X	Buritinópolis -GO	17	230	ProfªMaria P.de Fátima Rotta Furlanetti	FCT-Presidente Prudente
2001	X	Colinas do Sul-GO	13	200	ProfºElizeu Trabuço	IBILCE -S.J. Rio Preto
2003	XIII	Limoeiro de Anádia/AL	10	250	Profª Kátia Regina Coutinho Piravano	FCL- Assis
To						
tal						

O trabalho da equipe da F.C.T. Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, em cada município é selecionar 11 alfabetizadores, capacitá-los e

orientá-los mensalmente, e para realizar os objetivos da equipe, pesquisamos sobre os métodos de alfabetização para que no Curso de Capacitação seja garantida uma melhor forma de oferecer aos alfabetizadores subsídios que favoreçam boas reflexões e práticas dentro da sala de aula.

O Curso de Capacitação é dado em aproximadamente 15 dias e para o treinamento preparamos com meses de antecedência uma apostila para o Curso onde propomos um estudo teórico sobre assuntos como, “O que é Cidadania”, “Analfabetos na sociedade letrada”, “O adulto como leitor e escritor”, etc.

Nas práticas pedagógicas temos como auxílio à Coleção - “Viver, Aprender”, onde possuem temas interessantes para serem trabalhos com jovens e adultos em fase de alfabetização, mas preferimos não criar dependência da Coleção até pelo fato de que o nosso objetivo é preparar e ensinar aos alfabetizadores como criar aulas que sejam interessantes para seus alunos. Por isso, fazemos um trabalho com artes e literatura que desenvolve a imaginação, a criatividade e a auto-estima dos Professores e Coordenadores.

Infelizmente, é exigência do Programa Alfabetização Solidária que o Curso de Capacitação seja realizado no máximo em 15 dias, por isso, a equipe da UNESP/FCT sempre passou por muita dificuldade para capacitar os professores de acordo com os objetivos planejados. Mas, através das experiências adquiridas estamos sempre desenvolvendo práticas pedagógicas que possa ser trabalhada com sucesso conforme o tempo que nos é imposto.

De acordo com as regras do Programa, após a Capacitação temos que visitar o município adotado mensalmente para apenas supervisionarmos as práticas dos professores, nos informar sobre a quantidade de alunos que estão frequentando o P.A.S., qual o número de alunos novos que ingressaram no mês, a porcentagem de evasão e como se encontra a infra – estrutura das salas de aula. Entretanto, a equipe da Unesp não coloca em 1º lugar a questão quantitativa, e sim, a situação de forma geral, ou seja, a quantidade e qualidade juntas, em uma mesma intenção, que é diminuir o índice de analfabetismo através da ajuda de professores capacitados e qualificados. Portanto, nas visitas fazemos um trabalho baseado na “Capacitação Continuada”, ou seja, levamos mensalmente aos municípios textos para estudarmos e discutirmos com os professores, e juntos, organizarmos novas propostas de atividades para alfabetização baseadas nas necessidades que os alunos de cada professor necessita, além disso, analisamos os

planos de aula dos professores, os cadernos dos alunos, e o uso de cartazes em todas as salas.

Após analisarmos estes dados, temos uma base do que os professores estão tendo dificuldades, o que nos orienta melhor para a continuação da Capacitação, com reuniões coletivas e individuais, e exposição de materiais utilizados pelos professores para serem analisados. Tal metodologia leva os alfabetizadores a uma análise crítica e consciente das suas práticas de alfabetização que devem ter como ponto de partida a realidade vivida pelo educando, o diálogo alfabetizador/alfabetizando e a consideração do universo vocabular dos jovens e adultos referente à construção de uma nova consciência de cidadania e participação.

A cada visita mensal é feito um relatório de acompanhamento do Programa no município para que possa ser feita uma avaliação final do módulo sobre os resultados obtidos. Infelizmente, o Programa adota o “rodízio de alfabetizadores” de 6 em 6 meses, e por isso fica muito difícil aprofundar e aperfeiçoar os conhecimentos desta área tão significativa que tem uma demanda muito grande de alfabetizandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Alfabetização Solidária permitiu que os nossos alunos conhecessem diversas realidades sociais, políticas e administrativas, pois eles entraram em contato com toda a organização do município visitado mensalmente.

A participação de nossos alunos neste programa contribuiu para a formação acadêmica pois, o que aprendem na teoria exercitam, de certa forma, nas visitas às salas de aulas. Também têm a oportunidade de diagnosticar, organizar, planejar e executar programas, que é muito difícil, em outra experiência pedagógica, ter a oportunidade de elaborar a capacitação. Para organizar, elaborar e executar a capacitação os nossos alunos precisam estudar e pesquisar conceitos e conteúdos de alfabetização, assim como buscar estratégias, metodologias e atividades de intervenção e iniciação a alfabetização.

Com isso, nossos alunos estão vivenciando uma experiência única, pois, sabemos que a Faculdade não proporciona um estágio que garanta essa experiência pedagógica, além de estarem participando de um programa de nível nacional, onde podemos discutir as políticas públicas que envolvem a Educação de Jovens e Adultos.

Todos os nossos alunos participam de congressos apresentando os trabalhos, com muita crítica e cientificidade, pois, apesar de ser um projeto de extensão

tem proporcionado também, espaços para desenvolverem estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos, principalmente em alfabetização de Jovens e Adultos.

Sabemos que o Programa poderia ter avançado muito mais se tivéssemos mantido desde o início os mesmos alfabetizadores, pois já sabemos da importância da relação afetiva que se estabelece entre educando e educador e o quanto essa relação é importante para o desenvolvimento da aprendizagem, principalmente com essas pessoas que já vem há muito tempo tendo fracassos na vida escolar.

De acordo com as regras do Programa Alfabetização Solidária, a cada módulo (6 meses), teríamos que trocar de professores e também de alunos, mas, nunca concordamos com este absurdo e sempre mandamos relatórios com muitas reclamações e justificativas a respeito da importância de se manter por mais tempo alunos e professores juntos, ou seja, se estender o período de cada módulo.

Em relação à permanência dos mesmos professores, o Programa justifica que trocando de professores de 6 em 6 meses pode-se dar mais oportunidades para a população para ingressar no P.A.S. e receber “qualificação de professor” que poderá resultar em uma vida melhor.

Nós da equipe da Unesp, acreditamos que esta justificativa tem apenas uma intenção política em divulgar o máximo possível o Programa, dando empregos de 6 meses para a população, e ganhando assim, mais “votos de confiança”.

Em 2 anos de funcionamento do Programa Alfabetização Solidária na Unesp, não tivemos sucesso em relação à permanência dos professores, mas, em relação à troca dos alunos de 6 em 6 meses conseguimos a permanência deles até terem uma completa aprendizagem de alfabetização. Infelizmente, não podemos dizer que foi decisão do Programa porque se convenceram que seria o melhor a fazer.

O P.A.S. só tem controle da entrada dos professores de 6 em 6 meses e não dos alunos, por isso, conseguimos a permanência dos alfabetizando.

Sabemos, que para que o aluno aprenda a ler e a escrever textos, onde o objetivo seja uma melhor compreensão do mundo e de sua realidade, não é apenas ler e escrever palavras, portanto, não podemos assegurar que esse sujeito esteja alfabetizado.

Precisamos conhecer as mudanças que aconteceram em sua vida após um período que frequentou a escola, pois, já sabemos da necessidade de uma escolarização com no mínimo 4 anos. Essas mudanças importantes poderiam ter sido verificadas se os alfabetizadores fossem os mesmos durante no mínimo dois anos, aí

sim, teríamos dados reais para uma avaliação dos alunos. Mas, não foi isso que aconteceu, portanto não podemos assegurar qual foi o tipo de aprendizado realizado efetivamente.

Muitos programas e campanhas realizadas no Brasil nos mostraram o quanto é ineficaz, a troca de professores e a não continuidade da escolaridade dos alfabetizandos.

Esse Programa poderia ter colhido mais frutos se tivesse sido acertado realmente uma formação de alfabetizadores de jovens e adultos.

Em relação à participação da Universidade no Programa, foi de grande importância, pois ganhamos experiências que serão muito úteis na nossa vida profissional.

Através do incentivo e do espaço concedido pela coordenação pedagógica do Programa na UNESP/ F.C.T. tivemos resultados significativos relacionados a formação dos estagiários graduandos, ou seja, tiveram a possibilidade de colocar em prática conhecimentos teóricos adquiridos no Curso de Pedagogia e tiveram oportunidade de discutir, questionar, criar idéias próprias e ganhar autonomia desenvolvendo trabalhos como a hora do conto na alfabetização de jovens e adultos, diversas dinâmicas, cursos sobre como planejar, criar e produzir materiais didáticos para as salas de aula, e apresentações em diversos congressos científicos fazendo toda a crítica necessária ao Programa, mas mostrando também, algumas qualidades que infelizmente não foram muitas.

**V- PEJA - PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS
PROEX: PRO- REITORIA DE EXTENSÃO/UNESP**

Este Programa foi criado a partir das necessidades de professores que trabalhavam com Educação de Jovens e Adultos independentemente da Reitoria. Em uma reunião convocada pelo Pró-Reitor de Extensão ficou instituído o programa a partir de 2001. A portaria e a designação para que este programa fosse institucionalizado está para ser assinado pelo Magnífico Reitor.

PORTARIA UNESP DE DESIGNAÇÃO

O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“**JÚLIO DE MESQUITA FILHO**”, no uso das atribuições legais, DESIGNA a Comissão composta por Coordenadores Locais e Representante Técnico Administrativo, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX, que terá o objetivo de implementar as atividades do Projeto UNESP de Educação de Jovens e Adultos – PEJA, constituída pelos nomes abaixo arrolados, sob a **Coordenação-Geral** do primeiro:

1- Titular: Prof^a. Dr^a. Maria Peregrina de Fátima R. Furlanetti – RG nº 6.149.082

(FCT/PP)

Suplente: Prof. Dr. José Carlos Miguel – RG nº 10.646.894

(FFC/M)

2- Titular: Prof^a.Dr^a. Roseana Costa Leite – RG nº 7.453.511

(FCL/Ar)

Suplente: Prof. Dr. Ademil Lopes – RG nº 4.424.791-6

3- Titular: Prof^a.Dr^a. Regina Aparecida Ribeiro Siqueira – RG nº 8.944.856

(FCL/As)

Suplente: Prof^a.Dr^a. Rosa Hiroko Matsuzaki - RG nº 12.428.248

(FCL/As)

4- Titular: Prof. Dr. Antonio Francisco Marques – RG nº 8.846.857-4

(FC/Ba)

Suplente: Prof^a. Dr^a. Eliana Marques Zanata – RG nº 19.990.959

(FC/Ba)

5- Titular: Prof. Dr. José Carlos Miguel – RG nº 10.646.894

(FFC/M)

Suplente: Prof^a. Dr^a. Stela Miller – RG nº 4.696.537

(FFC/M)

6- Titular : Prof^a. Maria Peregrina de Fátima R. Furlanetti – RG nº 6.149.082

(FCT/PP)

Suplente: Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Coelho – RG nº 4.531.517-6

(FCT/PP)

7- Titular: Prof^a.Dr^a. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo – RG nº 4.893.069

(IB/RC)

Suplente: Prof .Dr . Álvaro Tenca – RG nº 3.820.543

(IB/RC)

8- Titular : ProfªDrª. Susanna Busato – RG nº 12.956.767-3

(IBILCE/SJRP)

Suplente: Profª.Drª. Luciani Ester Tenani – RG nº 17.521.231

(IBILCE/SJRP)

9- Titular : Márcia Regina Guerreiro Bucco – RG nº 15.641.919

(Representante Técnico-Administrativo - PROEX/Reitoria)

Suplente: Maria de Almeida Silva – RG nº 4.367.352

(Proc.1929/50/1/2000)

A portaria para as diretrizes do Programa foi discutida durante dois anos pelos coordenadores para que o projeto fosse aprovado pela Reitoria, e assim ficou constituído:

PORTARIA PARA AS DIRETRIZES DO PEJA:

Define as diretrizes para o desenvolvimento das atividades do Projeto UNESP de Educação de Jovens Adultos (PEJA).

O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto no artigo 3º da Portaria UNESP 580, de 05/12/00, expede a seguinte **PORTARIA**:

Art.1º O Projeto UNESP de Educação de Jovens e Adultos – PEJA –está vinculado ao Programa UNESP de Integração Social Comunitária – PISC – da Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX –, responsável por atuar e promover uma política de ação extensionista, de conteúdo acadêmico, mediante imprescindível interação com o ensino e a pesquisa.

Art.2º O PEJA é um projeto criado pela PROEX e executado por Unidades Universitárias que mantêm cursos de Licenciatura na área de Educação e/ou que tenham disponibilidade de recursos humanos e materiais para seu desenvolvimento.

Art.3º O PEJA está voltado principalmente à alfabetização e letramento da comunidade interna da UNESP e à externa a esta, buscando

garantir os direitos mínimos de democracia e cidadania àqueles que não tiveram oportunidade de aprender a ler e escrever, promovendo, assim, a interação entre a UNESP e a comunidade.

Parágrafo único. O PEJA ainda tem como uma de suas prioridades a formação de educadores de jovens e adultos, preparando-os adequadamente para esse mister.

Art. 4º O PEJA tem por objetivos:

I – estabelecer uma política pública para a educação de jovens e adultos, buscando parcerias comunitárias locais, visando à contribuição de recursos para a formação de cidadãos-leitores críticos e participativos, bem como a de professores com visão de “Educadores Populares”;

II – resgatar e/ou propor práticas educativas que visem a uma participação mais efetiva dos educandos na sociedade, sem perder de vista processos e conteúdos da educação básica;

III – trabalhar a auto-estima e a compreensão da identidade pessoal, social, profissional e política, em direção a uma melhor qualidade de vida e permanente humanização;

IV – permitir a continuidade de estudos em outros níveis de ensino;

V – contribuir para a ampliação de debates sobre a questão da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Art. 5º – O PEJA será coordenado e supervisionado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX).

Art.6º – Um Grupo de Coordenadores que atuam em Cursos de Licenciatura dos “campi” de Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto atuará junto a PROEX, com o objetivo de implementar o PEJA nas Unidades Universitárias que possuem as disponibilidades mencionadas no art.2º desta Resolução. Esse trabalho deverá orientar-se pelos princípios que regem, mundialmente, a Educação de Jovens e Adultos (UNESCO, 1999-2000). O Grupo de Coordenadores será assim constituído:

I – Pró-Reitor de Extensão Universitária;

II – um Coordenador-Geral e seu respectivo suplente, indicado pelos pares e nomeados pelo Pró-Reitor de Extensão Universitária;

III– um Coordenador local e seu respectivo suplente de cada um dos “campi”, indicados pelos Diretores das Unidades Universitárias envolvidas;

IV – um representante técnico-administrativo da PROEX, para fins de assessoramento.

§ 1º – Os Coordenadores terão os seguintes mandatos:

I – quatro anos para a Coordenação-Geral;

II – quatro anos para os Coordenadores locais e seus suplentes.

§ 2º – O Grupo de Coordenadores reunir-se-á, ordinariamente, uma vez a cada dois meses, ou, extraordinariamente, por necessidades detectadas pela Coordenação-Geral, com anuência do Pró-Reitor de Extensão Universitária.

Art.7º – Compete ao Grupo de Coordenadores:

I – estabelecer as diretrizes que nortearão a elaboração de um plano de trabalho pedagógico para a implantação e implementação do PEJA;

II – definir:

a) o trabalho a ser realizado, estabelecendo-se os objetivos, conteúdos, recursos, procedimentos didáticos e avaliação do desempenho dos educandos;

b) as teorias de alfabetização e letramento que embasarão o trabalho;

c) o número de educadores de jovens e adultos e o de salas de aulas para a implantação e implementação do Curso;

d) os cursos (semestrais) de formação continuada para educadores de jovens e adultos;

e) os encontros de caráter científico para a troca de divulgação do conhecimento produzido.

III – a articular as atividades do PEJA com as ações de ensino e pesquisa;

IV – elaborar relatório anual das atividades do PEJA na Unidade e a sua conseqüente avaliação, a ser submetido, posteriormente, à apreciação da Comissão Central de Extensão Universitária (CCEU).

Art.8º Compete ao Coordenador-Geral:

I – coordenar o trabalho de Educação de Jovens e Adultos (EJA) desenvolvido nos “campi”;

II – reunir-se com todos os Coordenadores Locais, visando à troca de informações sobre o andamento do Projeto, assegurando o caráter de

construção coletiva interdisciplinar e a realização de reuniões extraordinárias, sempre que necessárias;

III – elaborar relatório anual sobre o desenvolvimento do PEJA nas Unidades participantes do Projeto;

IV – realizar, semestralmente, em conjunto com os Coordenadores Locais, a avaliação das atividades do PEJA, em função das Unidades onde esse vem desenvolvendo-se;

V – coordenar e acompanhar o curso de capacitação de educadores de jovens e adultos, a realizar-se anualmente, de preferência nos meses de fevereiro e julho, ou extraordinariamente, quando necessário;

VI – participar da confecção de material didático específico para o PEJA;

VII – incentivar pesquisas inerentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir do desenvolvimento do Projeto.

Art.9º Compete ao Coordenador Local:

I – realizar levantamento da demanda, no “campus” e comunidade de jovens e adultos interessadas em iniciar ou dar continuidade aos estudos;

II – entrevistar os jovens e adultos interessados, com vistas à sua motivação e expectativa em relação à possibilidade de iniciar ou retomar seus estudos, tendo em vista a organização das turmas;

III – realizar a divulgação, inscrição, entrevista e seleção dos candidatos à função de educadores de jovens e adultos, para atuarem no PEJA;

IV – preparar os educadores de jovens e adultos para participarem do PEJA, desde o seu primeiro momento;

V – promover a realização de sessões de orientação técnico-pedagógicas, voltadas aos educadores de jovens e adultos, visando à preparação de atividades didáticas a serem desenvolvidas com os alunos e à realização de análises periódicas do processo de ensino - aprendizagem dos educandos do PEJA;

VI – promover reuniões de estudo com os educadores de jovens e adultos, visando ao aprofundamento teórico dos mesmos;

VII – acompanhar e analisar, semanalmente, juntamente com os educadores de jovens e adultos, o desenvolvimento do Curso;

VIII – avaliar e propor soluções para os diversos assuntos relacionados ao PEJA;

IX – buscar parcerias comunitárias locais;

X – responsabilizar-se pelo gerenciamento e prestação de contas dos recursos orçamentários destinados ao PEJA, de acordo com as orientações do Setor de Finanças da Unidade Universitária;

XI – elaborar e encaminhar à PROEX , anualmente, o relatório final das atividades.

§ 1º – Os Coordenadores Locais, sempre que necessário, poderão contar com a colaboração voluntária de docentes e alunos de graduação do “campus”, com anuência de sua respectiva Direção, para auxiliá-los no processo de divulgação, inscrição, entrevista e seleção dos educadores de jovens e adultos, além de outras atividades pertinentes.

§ 2º – Os Coordenadores Locais, juntamente com seus educadores de jovens e adultos, deverão elaborar, anualmente, o “Plano de trabalho do PEJA”, para desenvolvimento no ano seguinte, o qual deverá ser submetido à aprovação do Conselho Departamental, à Comissão Permanente de Extensão – CPEU – e à Congregação da Unidade, para posterior encaminhamento à PROEX, em prazo predeterminado.

Art.10. Para candidatar-se à função de educador de jovens e adultos do PEJA e concorrer à Bolsa de Extensão Universitária, o interessado deverá preencher os requisitos previstos na Resolução UNESP 63, de 16/10/97, que estabelece, em seu artigo 3º, com exceção do inciso II, normas para a concessão de Bolsas e Auxílios coordenados pela PROEX, e deverá ainda submeter-se ao processo seletivo, nas seguintes condições:

I – estar regularmente matriculado e cursando, no mínimo, o 2º ano da graduação;

II – preencher formulário para solicitação de Bolsa de Extensão Universitária, para submeter-se ao processo seletivo, compreendendo:

a) uma prova escrita, a ser organizada pelo Coordenador Local do PEJA;

b) entrevista.

Parágrafo único. Não poderão inscrever-se no processo de seleção alunos que tenham concluído o curso de graduação.

Art.11. A carga horária semanal, a ser cumprida pelo educador de jovens e adultos contemplado com a Bolsa de Extensão Universitária, deverá ser de, no mínimo, 10 e, no máximo, 15 horas, de conformidade com as especificidades e necessidades do projeto.

Art.12. O educador de jovens e adultos, selecionado, deverá assinar o “Termo de Compromisso” com o Diretor da Unidade Universitária, constando os direitos e deveres de cada parte.

Art.13. A convalidação dos estudos dos educandos será efetivada mediante acordos com as instituições oficiais de ensino fundamental e/ou médio, no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Art.14. O educador de jovens e adultos, selecionado, terá direito a 30 (trinta) dias de recesso ou descanso, ficando a critério do Coordenador Local a escolha do período a ser usufruído.

Art.15. A concessão da Bolsa de Extensão Universitária aos educadores não configurará, em qualquer momento, a existência de vínculo empregatício entre o beneficiado e a UNESP.

Art.16. A concessão da Bolsa de Extensão Universitária ao educador de jovens e adultos poderá ser cancelada a qualquer momento, nos casos previstos nos incisos I a VI do Artigo 7º da Resolução UNESP – 63, de 16/10/97.

Art.17. Para cada 03 (três) salas de aula, o PEJA contará com 05 educadores de jovens e adultos, na seguinte conformidade:

I – 03 (três) alunos-bolsistas atuarão como educadores diretamente em sala de aula;

II – 01 (um) aluno-bolsista participará como educador-assistente, em sistema de revezamento pelas salas, auxiliando na parte didático-pedagógica, em virtude da heterogeneidade das turmas;

III – 01 (um) aluno-bolsista responsável pela escrituração e documentação referente ao PEJA em seu “campus” de atuação.

Parágrafo único. De posse dos diagnósticos sobre as características sócio-econômicas, as necessidades de escolarização e o domínio da leitura, escrita e conteúdos básicos de matemática de cada um dos educandos, o educador de jovens e adultos e o Coordenador Local organizarão as turmas, como no ensino regular.

Art.18. São deveres do educador de jovens e adultos:

I – cumprir o disposto nesta Portaria;

II – acatar todas as decisões tomadas pelas instâncias superiores;

III – ser pontual quanto ao horário de aulas, entrega de relatórios, cadastros de alunos etc;

IV – ser assíduo às aulas, reuniões e outros eventos;

V– manter um bom relacionamento com os educandos e com os Coordenadores Locais;

VI – executar os encargos de escrituração e documentação do PEJA, quando indicado.

Art.19. Para o cumprimento de suas funções, o educador de jovens e adultos desempenhará o seguinte:

I – planejamento das atividades diárias ;

II – participação em reuniões pedagógicas;

III – registros das ações pedagógicas desenvolvidas;

IV – acompanhamento da aprendizagem dos educandos;

V – controle de frequência e evasão dos educandos;

VI – avaliação inicial, ao longo do processo, e final, referente aos educandos;

VII – prática das aulas diariamente ou, no mínimo, 03 (três) dias semanais, de acordo com as possibilidades do educador, dos educandos e do “campus”;

VIII – elaboração, aplicação e correção de provas;

IX – entrevistas pessoais, para levantamento da história de vida escolar de cada um dos educandos, características sócio-econômicas e necessidades de escolarização;

X – diagnóstico específico sobre as habilidades que os educandos já possuem;

XI – avaliação diagnóstica nos diversos componentes curriculares;

XII – organização de plano de ensino, a partir dos diagnósticos;

XIII – discussão e reflexão crítica sobre temas articulados ao cotidiano do grupo e às histórias de vida: identidade, trabalho, cultura, ideologia, alienação, consciência e cidadania;

XIV– produção de textos escritos, como diários, cartas, bilhetes, convites e outros, bem como leitura de textos literários e não-literários;

XV – ampliação do processo de letramento para outras áreas: ciências, arte, sociedade, tecnologia, natureza;

XVI – formação de uma Biblioteca Circulante;

XVII – confecção de material didático e preparação de aulas;

XVIII – elaboração, anual, e em consonância com o Coordenador Local, do Plano de Trabalho do PEJA.

Art.20. Poderão integrar o PEJA as Unidades Universitárias da UNESP, desde que atendam ao art.2º e aos princípios desta Portaria.

Art. 21. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.
(Processo nº1929/50/1/2000)

Descreveremos a seguir o trabalho de cada coordenador local.

Cidade de ARARAQUARA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

Titular: Profª.Drª. Roseana Costa Leite

Suplente: Prof.Dr. João Augusto Gentilini

O PEJA em Araraquara continua com três turmas, apesar da demanda existente no município, com frequência média de quinze alunos por turma. No início do ano, fomos procurados para, primeiramente, assumir turmas de jovens e adultos, com demanda identificada pela Secretaria Municipal de Educação-SME-, e, posteriormente, para assumir a coordenação da educação de jovens e adultos no âmbito municipal. Entendendo que a aceitação de qualquer das duas propostas implicaria uma responsabilidade que extrapolaria o âmbito e intenções do projeto da Unesp nessa área, preferimos continuar e fortalecer as relações de colaboração entre os integrantes do PEJA em Araraquara e a rede municipal de ensino, particularmente no que tange à educação de jovens e adultos.

O grupo colaborou na semana dedicada ao planejamento, ministrando uma oficina sobre o uso do jornal na sala de aula, destinada aos professores municipais; os contatos continuaram com a proposta de desenvolver um grupo de trabalho para subsidiar o trabalho de professores interessados em desenvolver este recurso no processo de ensino-aprendizagem; continuaram, também, com a realização de uma reunião entre um coordenador da SME de educação de jovens e adultos e o grupo do PEJA. Infelizmente, as intenções iniciais não se concretizaram em ações ou num trabalho integrado.

O trabalho dos monitores tem prosseguimento com a marca que tem sido a característica do trabalho deste grupo, o aprimoramento. Além de ser um dos propósitos do projeto inicial, o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem e o uso de materiais construídos a partir das especificidades do grupo de educadores e educandos e das necessidades geradas em classe, a equipe de monitores é

bastante crítica e criativa, o que resultou num trabalho, pontuado de erros e acertos, mas que buscava correções e superações.

O aspecto positivo a ser ressaltado é a participação da Unesp em programas que visem a erradicação do analfabetismo e a construção de experiências de educação de jovens e adultos, enquanto política permanente a ser desenvolvida pelo poder público com a participação do conjunto da sociedade. Isso inclui a formação de grupos que estudem o tema e possibilitem a continuidade das investigações nessa unidade.

A existência de um grupo que desenvolve trabalho com educação de jovens e adultos tem permitido a descoberta do interesse que o tema desperta em alunos de diversos cursos e as possibilidades de cruzamento com outros campos de investigação.

Em termos de abrangência do projeto na prestação de um trabalho de extensão social, sempre tivemos claro que nossos objetivos não diziam respeito ao número de alunos, jovens e adultos, atendidos, mas ao desenvolvimento de um trabalho de ação/reflexão que permitisse a construção de alternativas de método e materiais na educação de adultos e conseguisse se firmar como uma referência nessa área, no local em que se realiza.

Considerando as experiências desenvolvidas pelos monitores (jornal na sala de aula, a perspectiva histórica enquanto elemento da compreensão da realidade) e a formulação de um projeto que procura associar lógica filosófica e lógica matemática na educação de adultos, julgamos que o projeto cumpre seu requisito geral e, também, àqueles mais específicos, devido ao trabalho diferenciado que realiza.

O trabalho em equipe sempre exige a constante reflexão e formas de intervenção que permitam o surgimento de um diálogo e unidade entre os integrantes. Esse não é um trabalho fácil e, por vezes, houve dificuldades na divisão de trabalho e responsabilidades, bem como nas decisões propriamente de intervenção pedagógica. As diferenças evidenciadas na análise do trabalho que se desenvolvia, na organização do trabalho e nas relações que se estabeleciam entre os integrantes do grupo foi, no mínimo, fonte de aprendizagem para todos, que tende a ser incorporada nas mudanças que vão ocorrendo.

A mobilidade do fluxo de alunos revela-se uma dificuldade que extrapola a criação de vínculos coletivo e afetivo e o cumprimento de expectativas

ligadas ao interesse ou necessidade mais imediata. Certamente, local de moradia e trabalho, mudança de trabalho e cansaço estão entre os aspectos relacionados à questão.

Nº de classes 2002	Nº de alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Alunos de comunidade unespiana ou externa	Data do início das aulas/classe ou Período de aula	Nº de aulas e semana	Total de alunos atendidos
	Módulo I M 11	Pré à 2ª E.F.				
03	Módulo II M 16	1ª e 2ª E.F.	42 (só externa)	12/03/01 Seg. a Sex 19h15 - 22h00	05	42
	Módulo IY 15	3ª e 4ª E.F.				

Cidade de ASSIS

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

Titular: Profa. Regina Aparecida Ribeiro Siqueira

Suplente: Profª.Drª. Rosa Hiroko Matsuzaki

O PEJA/Assis vem desenvolvendo suas atividades desde fevereiro de 2001. Os trabalhos em sala de aula foram iniciados em 19 de março. Foram constituídas duas classes, sendo uma na periferia do município e uma na região central. Em abril, o número de classes foi ampliado para quatro, ambas na periferia de Assis. Paulatinamente, o trabalho foi sendo conhecido e encerramos o ano de 2001 com cinco classes, totalizando 49 alunos.

Atualmente (2002), contamos com sete classes de E.J.A., sendo seis em bairros periféricos do município e uma na região central. Atendemos, até o presente momento, aproximadamente 90 alunos. Desses, 10 são portadores de deficiência auditiva e freqüentam a classe situada na região central da cidade. O trabalho com esse público é recente e visa, primeiramente, a ampliação do universo vocabular dos alunos que é muito restrito, apesar de todos serem alfabetizados.

Além disso, é necessário esclarecer que, em Assis, o PEJA vem ampliando sua ação à rede municipal de ensino, através de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que visa, particularmente, investir em formação

continuada dos docentes que atuam na E.J.A. Para isso, vem realizando cursos de capacitação destinados às diversas áreas de conhecimento que compõem o 1º segmento de Educação de Jovens e Adultos.

Nº de classes 2002	Nº de alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Comunidade unespiana ou externa	Data do início das aulas	Nº de aulas por semana	Total de alunos atendidos
07	14	Todas as classes têm alunos de 1ª a 4ª série.	Comunidade externa.	04/03/02	10 hs. aula	93
	15			19/03/02	12,5 hs. aula	
	10			04/03/02	10 hs. aula	
	25			08/02/02	10,5 hs. aula	
	13			15/02/02	2 hs. aula	
	05			04/03/02	10 hs. aula	
	11			04/03/02	12,5 hs. aula	

Cidade de BAURU

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Titular: Prof. Dr. Antônio Francisco Marques

Suplente: Prof. Dr. Misael Ferreira do Vale

As atividades do Peja, em Bauru, estão sendo realizadas em quatro salas, a saber:

Sala da Associação Beneficente Cristã (abrigo para mulheres), funciona há 10 meses, com 22 alunas. As alunas são formadas por ex-pacientes do hospital psiquiátrico, mantido pela instituição, que recebem alta e não têm família ou foram abandonadas por ela. A dificuldade maior, no processo de alfabetização das alunas, deve-se à deficiência mental leve e, ainda, aos problemas de coordenação motora ou de fala. Além disso, são pessoas que perderam, de certa forma, o contato com o mundo real, sendo que poucas trabalham dentro da instituição e saem de lá de vez em quando.

Sala da Casa do Leite: no curso oferecido pelo PEJA, estão inscritas 9 mulheres. São mães de crianças que freqüentam a instituição. A maioria absoluta delas é constituída de migrantes do Paraná e Nordeste, com pouca ou nenhuma escolarização.

Sala da GILGAL: entidade de recuperação de adolescentes e jovens dependentes de drogas e com pequenas infrações. Os internos permanecem na instituição de três a nove meses. O PEJA atende a uma sala com cerca de 20 alunos. A maioria, apesar de ter freqüentado quatro ou cinco anos de escola, mal consegue escrever ou ler. O objetivo do PEJA tem sido recuperar a aprendizagem desses alunos e encaminhá-los, após a saída da entidade, para a escola regular.

Sala da Central de Triagem de Materiais Recicláveis: Funciona há 3 meses com 12 alunos com idades de 30 a 60 anos. São ex-catadores de lixo, sendo que há 2 alunos que nunca freqüentaram a escola e os demais não concluíram a 4ª série.

Nº de classes 2002	Nº de alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Alunos de comunidade externa	Data do início das aulas/classe e Período de aula	Nº de aulas por semana	Total de alunos atendidos
02	Turmas de 12	1ª a 4ª E.F.	Externa	26/03/2001 Seg. a Sex. 07h-09h	4 aulas por turma; 8 horas/aulas semanais;	66
02	Turmas de 20			10h-12h 14h-16h	2 horas de planejamento e avaliação	

Cidade de MARÍLIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Titular: Prof. Dr. José Carlos Miguel

Suplente: Profª.Dra. Stela Miller

As atividades do PEJA/Marília estão sendo desenvolvidas desde o dia 05/03/2001 em três escolas estaduais (E.E. “Profa. Amélia Lopes Anders”, E.E. “Profa. Sylvia Ribeiro de Carvalho, E.E. “Maria Izabel Sampaio Vidal”), todas situadas em regiões periféricas da cidade de Marília, constituindo historicamente grandes bolsões de analfabetismo. No ano de 2.002 estabelecemos parceria com a Paróquia do Jardim Bandeirantes e instalamos mais duas salas de aula no seu Salão Paroquial com excelente

demanda de alunos, totalizando seis salas mantidas pelo PEJA na cidade de Marília - SP. O projeto efetuou um total de 94 matrículas no decorrer do presente ano sendo que no momento conta com 72 alunos freqüentes visto que vários deles já foram encaminhados para salas em nível de 5ª a 8ª séries, especialmente tele-salas montadas em escolas estaduais, além da evasão que sempre ocorre em processos de EJA. Cumpre registrar que no PEJA esses índices de evasão tem sido em níveis bem menores do que costuma acontecer em campanhas de alfabetização de jovens e adultos. As aulas são ministradas de segunda a quinta-feira, sendo reservada a sexta-feira para sessões de estudo, planejamento pedagógico e desenvolvimento de atividades culturais diversas com os alunos já que se pretende a ampliação da noção de Alfabetização de Jovens e Adultos para um contexto de Educação de Jovens e Adultos. Assim, desenvolvemos, por exemplo, atividades com artesanato que podem se transformar inclusive em fontes de renda para os educandos, tais como o “biscuit” e o ponto-cruz, além da exploração em termos de produção de textos e aspectos relacionados à Geometria e Medidas. Os educadores de jovens e adultos (Bolsistas PROEX) são auxiliados por Bolsistas PAE e voluntários. Vários projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia e de Iniciação Científica estão sendo desenvolvidos no contexto do projeto. As ações do PEJA tem sido divulgadas em encontros científicos, cabendo registrar que há perspectiva de aumento da demanda em função da procura por ações do projeto por parte de lideranças da comunidade mariliense. Para o ano de 2.003 pretendemos manter as parcerias efetuadas em 2.002 e já acertamos parceria com o Centro de Ressocialização de Marília para alfabetização de grande número de recuperandos adultos e com a Casa de Detenção de Marília para a capacitação de professores que atuam num projeto da Fundação Assistência ao Preso da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária nos termos do pedido de renovação do projeto já enviado a PROEX.

Nº de classes 2002	Nº de alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Alunos da comunidade unespiana ou externa	Data do início das aulas/classe e Período de aula	Nº de aulas por semana	Total de alunos atendidos
05	18 (média)	1ª a 4ª E.F.	Externa	04/03/2002 Seg a Qui - 19h30 às 22h30	15 (por turma)	94

Cidade de PRESIDENTE PRUDENTE

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Titular: Prof. ^a Dr. ^a Maria Peregrina de Fátima Rotta Furlanetti

Suplente: Prof. ^a Dr. ^a Sonia Maria Coelho

Em Presidente Prudente, o PEJA iniciou suas aulas com três salas, no mês de março de 2002, sendo duas salas no Centro de Educação, Treinamento, Reabilitação e Integração do Deficiente Visual (CETRI), que fica situado no Bairro Itapura – I. Nessas salas são atendidas pessoas com certo grau de deficiência visual, pessoas com visão sub normal. O trabalho dessa instituição filantrópica tem como objetivo introduzir um novo olhar sobre o deficiente visual. No total, são atendidos 13 alunos sendo 7 no período matutino, cuja idade está entre 40 a 60 anos, e 06 no período vespertino, comunidade local, com idade entre 25 a 60 anos.

As atividades na terceira sala de aula iniciaram-se no mês de maio, contando com 20 alunos com idade entre 20 a 60 anos. A sala se localiza no Salão dos Vicentinos, que se situa na Avenida Coronel Marcondes.

Em 2003 continuam as salas no CETRI e abre-se uma sala na VILA DA FRATERNIDADE. Este local conta com moradores com idade acima de 60 anos, que escolheram viver em chalés dentro de um ambiente com pessoas que cuidam de sua saúde.

A partir do segundo semestre de 2003 começa uma sala no PROJETO VIDA, onde fazem a recuperação de adolescente e jovens com problemas de dependência a drogas.

O PEJA de Presidente Prudente realizou em parceria com o ITESP e Prefeitura do Município de Regente Feijó o *II Seminário Regional de Educação de Jovens e Adultos: “Políticas Municipais”*, ressaltando a importância da educação de jovens e adultos e a necessidade do compromisso de toda sociedade civil e, principalmente, as instituições públicas nas suas diversas instâncias. Nesta perspectiva, a universalização das condições básicas de acesso à educação deve se constituir em prioridade para uma sociedade que busca o desenvolvimento, sem contudo, desconsiderar as especificidades da educação de jovens e adultos direcionados à questão do campo, assim como, a capacitação de profissionais, o papel da educação nos dias

atuais e a necessidade de recursos provenientes do poder público, principalmente, o municipal.

Os frutos do II Seminário já estão sendo colhidos a criação do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Oeste Paulista.

O PEJA esta também participando de constantes reuniões, que conta com a presença do Secretario do Meio Ambiente e do Prefeito de Presidente Prudente, em um trabalho que vem sendo realizado com os catadores de lixo da cidade, com o intuito de abrir duas salas.

N.º de classes 2002	N.º alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Comunidade unespiana ou externa	Data do inicio das aulas/período	Total de alunos atendidos
03	07	1.ª a 4.ª E.F.	Externa	06/03/02 3.ª/4.ª/5.ª/6.ª. 8:00 – 11:30h	33
	06			06/03/02 2.ª/ 4.ª/ 6.ª. 14:00 – 16:30h	
	20			06/03/02 3.ª/ 4.ª/ 5.ª. 19:00 – 22:00h	

Os alunos estagiários apresentaram seus trabalhos sob a orientação da coordenadora em vários eventos científicos, como:

IV FÓRUM DE CIÊNCIAS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

V CONGRESSO DE LEITURA- SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

VII CONGRESO ESTADUAL DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

A coordenadora tem apresentado trabalhos e participado de vários encontros seminários e fóruns sobre EJA participando como conferencista.

Cidade de RIO CLARO

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS

Titular: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues M. Camargo

Suplente: Profa. Dra. Débora Mazza

Turma A - 13 alunos - funcionários da UNESP;

Turma B - 04 alunos - funcionários da UNESP e comunidade externa;

Turma C - 11 alunos - mulheres -, no bairro Jardim Esmeralda;

Turma D - 07 alunos – trabalhadores no canteiro de obras EBM.

Os níveis de escolaridade vão da primeira a terceira série (turmas B, C e D) e de quarta a oitava série (maioria da turma A). Em três turmas, a ênfase do trabalho recai sobre o ensino da língua, na modalidade escrita (alfabetização), e sobre as noções de cálculo necessárias. Na quarta turma, constituída de alunos em níveis de escolarização mais avançados, os trabalhos do ano de 2002 têm se organizado em torno da proposta de elaboração de um Programa de ensino coletivamente montado pelos bolsistas educadores e adultos educandos. A perspectiva interdisciplinar é um dos eixos que norteiam os trabalhos didático-pedagógicos nas quatro turmas.

A avaliação dos trabalhos vem sendo feita regularmente pelos educadores, em conjunto com os alunos, visando tanto à reflexão sobre o processo de aprendizagem como ao constante redimensionamento das atividades e procedimentos pedagógicos.

Um dos desdobramentos da atuação dos bolsistas no PEJA é a prática investigativa. Destacam-se no 1o. semestre de 2002 as comunicações apresentadas em eventos:

GABRIEL, V.A. A contribuição da biologia na educação de jovens e adultos. Encontro de Biólogos do CRBio-1 (13o.), realizado de 25 a 28/03/02, em São Pedro, SP.

NUNES, F.P. Representação cartográfica: um estudo em salas de jovens e adultos. Encontro Nacional de Geógrafos (XIII), realizado de 21 a 26/07/02, em João Pessoa, PB.

Sob o tema Como se faz uma colcha de retalhos: a formação do educador de jovens e adultos em questão, o grupo do PEJA-RC desenvolveu oficinas no Encontro Paulista de Estudantes de Pedagogia – EPEPE- (IX), realizado no dia 31 /05/02, na UFSCar, São Carlos, SP.

Cidade de SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

Titular: Prof. ^a Dr. ^a Susanna Busato Feitosa

Suplente: Prof. ^a Dr. ^a Luciani Éster Tenani

As atividades do PEJA, no "campus" de São José do Rio Preto, iniciaram-se no ano de 2002 em março, com quatro salas, sendo duas na própria unidade da UNESP e duas na Paróquia do bairro do São Francisco. As aulas ocorrem quatro dias da semana, de segunda à quinta, sempre das 19h30 às 21h00. A demanda atendida é a comunidade externa que não completou a 4a. série do Ensino Fundamental.

Este ano demos continuidade ao trabalho iniciado no ano anterior com referência aos cuidados básicos com a saúde e meio-ambiente e demos início a um projeto sobre a dengue, tendo como base o material informativo veiculado à população em geral e outros tipos de texto, mais específicos, como verbetes de enciclopédia e artigos de revistas. Assim, tem-se ampliado o horizonte de compreensão dos aspectos lingüísticos do texto como também a compreensão dos fatores que levam o indivíduo a adquirir a doença. O trabalho de leitura também está voltado este ano à literatura, que tenta desenvolver nos alunos a sensibilidade para com a linguagem, no sentido da criação de textos por meio do lúdico.

N. de classes 2002	N. de alunos em cada classe	Níveis de escolaridade	Comunidade unespiana ou externa	Data do início das aulas/classe e Período de aula	N. de aulas por semana	Total de alunos atendidos
04	06	1ª a 4ª série	externa	04/03/02 Seg/Ter/Qua/Qui: 19h30 - 21h00	04 por turma	25

VI - PROGRAMA DE FORMAÇÃO PERMANENTE DE FUNCIONÁRIOS DA UNESP- PROPERF

Desde fevereiro/2002, a Vice-Reitoria e a Pró-Reitoria de Extensão Universitária, através dos Coordenadores do Projeto UNESP de Educação de Jovens e Adultos-PEJA-, deram início às discussões sobre a implantação do **Programa de Formação Permanente de Funcionários da UNESP**, visando ao atendimento das necessidades de formação permanente e o aperfeiçoamento dos funcionários da UNESP, para que, em seus "campi", eles possam atualizar-se continuamente para o desempenho de suas funções específicas, nos setores e/ou departamentos a que estão vinculados.

O objetivo do Programa é à inclusão, no processo social de letramento, de funcionários que se encontram excluídos ou interromperam os estudos por diversas razões, como os funcionários que ainda, não completaram a escolarização básica

(Ensino Fundamental: 1ª a 8ª série). O Programa ainda visa ao aperfeiçoamento de seus recursos humanos, por meio de cursos de capacitação, atualização e aprimoramento específicos, com vistas à melhoria dos serviços prestados nos “campi” e ao desenvolvimento dos encarregados de realizá-los no dia-a-dia de nossas Unidades Universitárias.

Considerando de extrema importância a preparação dos futuros educadores realizou-se em Bauru, nos dias 10 e 11 de outubro/2002, o I Curso de Capacitação de Jovens e Adultos.

Neste curso, os 57 educadores da Unesp receberão as orientações necessárias para organizar e preparar todo o conteúdo do programa de formação de funcionários e de debater a grade curricular e o projeto pedagógico oferecidos aos servidores inscritos no Programa.

Os educadores ligados ao programa são constituídos pelos próprios alunos de graduação da universidade, que recebem Bolsa de Extensão Universitária da PROEX para realizarem suas atividades. Os funcionários participantes serão divididos em duas turmas, sendo uma referente a 1ª a 4ª séries e a outra de 5ª a 8ª séries. A carga horária é de quatro anos, com aulas ministradas três vezes por semana, duas horas por dia.

Assim, em 21 de outubro de 2002, a UNESP implantou o Programa de Formação Permanente de Funcionários da UNESP em 18 Unidades Universitárias, sendo que do total de 971 funcionários com o Ensino Fundamental incompleto, o Programa está inicialmente atendendo aos 410 interessados.

Para a manutenção do referido Programa, apresentamos a planilha com o número de bolsista para cada Unidade Universitária:

Campus	Nº de bolsistas
Araçatuba	03
Assis	02
Bauru (FC)	05
Botucatu FCA	05

FM	03
FMVZ	06
IB	02
Franca	02
Guaratinguetá	02
Ilha Solteira	05
Jaboticabal	08
Marília	03
Presidente Prudente	03
Rio Claro (IB)	02
São José dos Campos	02
São José do Rio Preto	02
São Paulo (IA)	02
TOTAL	57

COORDENADORES LOCAIS DO PROJETO UNESP DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-PEJA E PROGRAMA DE FORMAÇÃO PERMANENTE DE FUNCIONÁRIOS DA UNESP- PROPERF

Campus	U.U.	Coord. Locais
ARAÇATUBA	Faculdade de Odontologia-FO-	Prof.Dr. Paulo Roberto Botacin
	Instituto de Química- IQ-	
ARARAQUARA	Faculdade de Ciências e Letras- FCL-	Profª.Drª. Roseana Costa Leite
	Faculdade de Odontologia – FO-	
	Faculdade de Ciências Farmacêuticas- FCF-	
ASSIS	Faculdade de Ciências e Letras-FCL-	Profª.Drª. Regina Ap. Ribeiro Siqueira
BAURU	Diretoria Administrativa	Prof.Dr. Antonio Francisco Marques
BOTUCATU	Fac.Ciências Agrônômicas	Prof.Dr. Antônio de Pádua Sousa
	Faculdade de Medicina	Prof.Dr. Joel Spadaro
	Fac. Medicina Vet. E Zootecnia	Profª Silvia M. Alves Gomes

		Dierckx
	Instituto de Biociências	Prof ^a .Dr ^a . Luciana Maria Lunardi Campos
FRANCA	Faculdade de História, Direito e Serviço Social	Prof ^a Dr ^a . Eliana Amábile Dancini
GUARATINGUETÁ	Faculdade de Engenharia	Prof.Dr. Aury de Sá Leite Prof ^a .Dr ^a . Marisa Andreatta Witaker
JABOTICABAL	Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias	Prof ^a .Dr ^a . Maria Helena C. Varella
MARÍLIA	Faculdade de Filosofia e Ciências	Titular:Prof.Dr. José Carlos Miguel Suplente: Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto
PRESIDENTE PRUDENTE	Faculdade de Ciências e Tecnologia	Titular: Sônia Maria Coelho Suplente:Prof ^a .Dr ^a . Maria P. Fátima Rotta Furlanetti
RIO CLARO	Instituto de Biociências-	Prof ^a .Dr ^a . Maria Rosa R. M de Camargo
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	Faculdade de Odontologia-FO-	Titular:Prof ^a .Dr ^a . Janete Dias Almeida Suplente: Denise Nicodemo
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas	Titular: Prof ^a .Dr ^a . Luciani Ester Tenani Suplente: Prof ^a .Dr ^a . Susanna B. Feitosa
SÃO PAULO	Instituto de Artes-IA-	Prof.Dr. João Cardoso Palma Filho

ATUALIZAÇÃO DA DEMANDA (Julho/2003)

CÂMPUS	U.U.	Nº DE FUNCIONÁRIOS EM NÍVEL DE 1ª A 4ª E 5ª A 8ª SÉRIES	TOTAL DE FUNCIONÁRIOS
--------	------	---------------------------------------------------------	-----------------------

ARAÇATUBA	Faculdade de Odontologia-FO-	3ª = 01 5ª = 14 7ª = 07	22	
	Faculdade de Odontologia-FO-	1ª = 02 2ª = 02 5ª = 18 8ª = 01	23	
	Instituto de Química - IQ-	4ª = 01 5ª = 02	03	
ARARAQUARA	Faculdade de Ciências e Letras -FCL-	4ª = 13 6ª = 01	14	
	Faculdade de Ciências Farmacêuticas-FCF-	1ª a 4ª = 00 5ª = 09 6ª = 01 7ª = 01 8ª = 03	14	
ASSIS	Faculdade de Ciências e Letras -FCL-	3ª = 03 4ª = 09 7ª = 17 8ª = 07	36	
	Fac.deArq.,Artes e Comum.FAAC-		00	
	Faculdade de Ciências - FC-	4ª = 01 5ª = 02	03	
BAURU	Faculdade de Engenharia -FE-	4ª = 02 7ª = 02	04	
	Diretoria Administrativa	1ª a 4ª = 11 5ª a 8ª = 64	75	
	Faculdade de Ciências Agrônômicas-FCA-	1ª = 01 4ª = 16 5ª = 62 8ª = 27	106	
BOTUCATU	Faculdade de Medicina-FM-	3ª = 02 4ª = 05	5ª = 82 6ª = 09 7ª = 20 8ª = 09	127
	Faculdade de Medicina Vet. E Zootecnia-	2ª = 07 3ª = 06 4ª = 38	5ª = 03 6ª = 08 7ª = 09 8ª = 13	84
	Instituto de Biociências	1ª a 4ª = 00	5ª = 02 7ª = 01 8ª = 21	24
FRANCA	Faculdade de História,Direito e Serv.Social-FHDSS-	3ª = 01 4ª = 07 (*) 6ª = 01 * 01 func.está fazendo supletivo	09	
		1ª a 4ª =	5ª = 16	

GUARATINGUETÁ	Faculdade de Engenharia-FE-	00	6 ^a = 01 7 ^a = 06 8 ^a = 01	24
ILHA SOLTEIRA	Faculdade de Engenharia- FE-	2 ^a = 01 3 ^a = 02 4 ^a = 08	5 ^a = 38 6 ^a = 14 7 ^a = 10 8 ^a = 06	79
JABOTICABAL	Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias-FCAV-	1 ^a = 02 4 ^a = 23 5 ^a = 76 8 ^a = 60		158
MARÍLIA	Faculdade de Filosofia e Ciências –FFC-	2 ^a = 03 3 ^a = 04	5 ^a = 22 6 ^a = 01 7 ^a = 02	32
PRESIDENTE PRUDENTE	Faculdade de ciências e Tecnologia-FCT-	2 ^a = 01 3 ^a = 01 4 ^a = 01	5 ^a = 10 6 ^a = 02 7 ^a = 04 8 ^a = 05	24
RIO CLARO	Instituto de Biociências-IB-	1 ^a = 01 2 ^a = 04 3 ^a = 01 4 ^a = 16	5 ^a = 04 6 ^a = 03 7 ^a = 05	34
	Instituto de Geociências e Ciências Exatas-IGCE-	1 ^a = 02 2 ^a = 01 3 ^a = 01 4 ^a = 16	5 ^a = 01 6 ^a = 01 7 ^a = 04 8 ^a = 03	29
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	Faculdade de Odontologia- FO-	3 ^a = 03 5 ^a = 12		15
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-IBILCE-	3 ^a = 01 4 ^a = 18 5 ^a = 01 6 ^a = 01 7 ^a = 01		22
SÃO PAULO	Instituto de Artes- IA-	1 ^a = 02 4 ^a = 06 6 ^a = 02		10
LITORAL PAULISTA	—	—		00

TOTAL			971
-------	--	--	-----

PERSPECTIVAS PARA 2003 E 2004:

- Agrupar os vários projetos desenvolvidos dentro da Pró-Reitoria de Extensão-PROEX, criando o NÚCLEO DE ESTUDOS E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS;

Com esse agrupamento poderemos desenvolver os programas de EJA. A PROEX demanda recursos para o PAS – Programa de Alfabetização Solidária e também para o Programa de Formação Permanente de Funcionários – PROPERF. A reunião já está agendada com os coordenadores para que a unificação traga mais qualidade em nosso trabalho de EJA.

- Planejamos um livro sobre EJA onde todos os coordenadores e seus estagiários possam publicar seus trabalhos até aqui desenvolvidos;
- Estamos discutindo a criação de um Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Popular;
- Estamos discutindo a criação de uma revista anual para a Educação de Jovens e Adultos.
- O PEJA de Presidente Prudente está desenvolvendo um trabalho junto a duas escolas dentro de assentamentos rurais para elaborar o PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO PARA O CAMPO. Os assentamentos ficam em Presidente Bernardes “Assentamento Rodeio” e o outro em Presidente Venceslau “Assentamento Primavera”. Estes trabalhos deverão dar surgimento a um projeto para a FAPESP- Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

- Criação, desde Junho de 2003, do Grupo de Estudos e Pesquisas de Educação Popular- registrado no CNPq- Conselho Nacional de Pesquisa.
- Projetos em demanda: Escolarização para o sistema Penitenciário; Escolarização para menores infratores.

Este documento teve a colaboração dos estagiários:

Renata da Silva Paredes Parente – 4º. ano de Pedagogia

André Luis André- Bacharelado em Geografia

Tatiane D. Toninato – 5º. ano de Pedagogia

Raquel da Silva Rocha – 5º. ano de Pedagogia

Assessora da Pró-Reitoria- Márcia Guerreiro

PROFESSORA RESPONSÁVEL:

DRa. MARIA PEREGRINA DE FÁTIMA ROTTA FURLANETTI

E-mail : rotta@prudente.unesp.br

Fone:0055- 018-229-5388

0055-018-96013099

